



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

RICARDO EUSÉBIO VALENTINI

**PENSANDO COM O OUTRO: A TEMÁTICA INDÍGENA E AS POSSIBILIDADES
DIDÁTICAS NOS VÍDEOS DO *YOUTUBE***

Porto Alegre

2018

RICARDO EUSÉBIO VALENTINI

**PENSANDO COM O OUTRO: A TEMÁTICA INDÍGENA E AS POSSIBILIDADES
DIDÁTICAS NOS VÍDEOS DO *YOUTUBE***

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Dr. Fernando Nicolazzi

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Valentini, Ricardo Eusébio

Pensando com o outro: a temática indígena e as possibilidades didáticas nos vídeos do youtube / Ricardo Eusébio Valentini. -- 2018.

95 f.

Orientador: Fernando Nicolazzi.

Dissertação (Mestrado Profissional) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Ensino de história. 2. Relações étnico raciais . 3. Mídias . I. Nicolazzi, Fernando, orient. II. Título.

“se você acha que eu não posso usar celular nós vamos ter que estabelecer um regimento e você não vai poder comer mamão, nem maracujá, nem farinha, nem açaí, nem peixe assado. Você não vai poder tomar banho todos os dias, e por favor, não use a palavra Brasil, porque essa palavra é nossa (Daniel Mundukuru)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família pelo apoio durante todo o processo, não só, de construção do presente trabalho. Mas também pelo suporte em minhas escolhas profissionais e a dedicação ao auxílio para poder realizar as atividades necessárias em uma profissão cada vez mais necessária, contudo, menos valorizada no Brasil.

Ao meu pai, Delmir José Valentini, pelo suporte, apoio e paciência nos momentos em que a desistência parecia certa. À Minha mãe, Idianara, que com muita paciência e também auxiliou nos momentos mais complicados da vida profissional. Com conselhos e relatos que só poderiam vir de alguém que tem já muitos anos na profissão de educar. À minha irmã, Naiara, que sem a leitura dedicada e calma não seria possível a conclusão do trabalho. Ao meu irmão mais novo, Gustavo, companheiro de aventuras e distrações necessárias em meio aos problemas do dia a dia.

Agradeço também, com carinho especial aos meus amigos que, Guilherme e Arturo, mesmo quando as reuniões e encontros eram menos frequentes, ajudaram sempre que necessário.

Agradeço aos(as) alunos(as) que se dedicaram e realizaram a proposta, além apenas da mera obrigação estudantil para com o professor, sendo eles a única razão de ser da profissão.

Por fim, agradeço ao professor orientador, Fernando Nicolazzi, pelas reuniões , acompanhamentos e, principalmente, paciência para com quem, além dos prazos do curso também possuía os prazos da sala de aula.

Aos professores e professoras das duas escolas pela oportunidade de vivenciar o cotidiano da instituição e possibilitar a realização da pesquisa sem grandes entraves. A banca examinadora em sua disposição em lançar seus préstimos, contribuições e provocações que serão utilizados no enriquecimento do trabalho.

E aos colegas e professores do Profhistória, pelo compartilhamento de angústias textos e conhecimento durante a trajetória do curso.

RESUMO

A presente dissertação aborda a temática indígena tratando a questão do outro através de estudos, de práticas de ensino, de revisão de literatura e de elaboração de materiais didáticos para utilização em sala de aula, problematizando os temas através da utilização de vídeos do *youtube*. Aborda temas que envolvem os povos indígenas no passado e na atualidade, a diversidade e os complexos processos de interação étnica na sociedade brasileira. A pesquisa foi aplicada, por meio de questionários e vídeos escolhidos pelos discentes, em duas escolas de Gravataí RS, uma da rede estadual (Escola Estadual de Ensino Médio José Maurício) e outra da rede municipal de ensino (Escola de Ensino fundamental São Marcos). Através da utilização de vídeos do *youtube* foi possível encontrar uma ferramenta de ensino de uso familiarizado entre os discentes e que demonstrou grande potencial didático na construção do conhecimento histórico, de conceitos de cidadania, de diversidade étnica e cultural.

Palavras-chaves: Ensino de História, Cultura Visual, Relações étnico-raciais, Mídias, Povos indígenas.

ABSTRACT

The present dissertation approaches the indigenous theme dealing with the question of time and the other through studies, teaching practices, literature review and elaboration of didactic materials for use in the classroom, problematizing the themes through the use of videos from *youtube*. It addresses issues that involve indigenous peoples in the past and today, the diversity and complex processes of ethnic interaction in Brazilian society. The research was applied in two schools of Gravataí RS, one of the state network (State School of Higher Education José Mauricio) and another of the municipal school network (São Marcos Elementary School). Through the use of youtube videos, it was possible to find a teaching tool that is familiar to students and that has demonstrated great didactic potential in the construction of historical knowledge, concepts of citizenship, ethnic and cultural diversity.

Key Words: indigenous, history teaching, teaching practices and *youtube* videos

LISTA DE ABREVIACÕES

E.E.E.M.J.M. - Escola Estadual de Ensino Médio José Maurício

E.M.E.F.S.M - Escola de Ensino fundamental São Marcos

P.N.B.E. - Plano Nacional da Biblioteca Escolar

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

PNLD – Plano Nacional do Livro Didático

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UNIVESP – Universidade do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO: TEORIA E METODOLOGIA NO CAMPO DA APLICAÇÃO PRÁTICA	
1.1 A origem da proposta.....	15
1.2 Além da questão legal.....	16
1.3 O passado em disputa nas demandas do presente.....	18
1.4 Problematizando as relações étnico-raciais.....	23
2 TRAJETÓRIAS POSSÍVEIS: OS CAMINHOS DA METODOLOGIA	
2.1 A escolha das fontes.....	27
2.2 O levantamento dos dados nas escolas.....	29
2.3 Escolha dos vídeos do <i>youtube</i>	30
2.4 Escolas da minha realidade.....	32
3 PRÁXIS NO HORIZONTE	
3.1 Mergulhando nas fontes.....	35
3.2 Conhecendo outras realidades.....	37
3.3 Semeando e recolhendo.....	41
3.4 Realidades distintas.....	46
4 RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NO CURRÍCULO ESCOLAR	
4.1 Colonialidade e o ensino para as relações étnico raciais.....	52
4.2 A identidade nacional e o currículo escolar.	54
4.3 Inserções no currículo e atenção as demandas discentes.....	58
4.4 As escolas.....	64
4.4.1 A Escola São Marcos.....	64
4.4.2 A Escola José Maurício.....	70
4.4.3 É possível uma nova proposta?.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
Referências e bibliografias.....	85
Anexo 1	88
Anexo 2.....	89
Anexo 3.....	90

INTRODUÇÃO

O tema da presente dissertação é fruto de indagações que surgiram em sala, quando uma aluna do oitavo ano do ensino fundamental, durante uma aula de História, ministrada numa escola da Rede Estadual¹, contou que foi com os pais visitar as missões e levantou diversos questionamentos sobre temáticas indígenas, frutos da sua observação perante o patrimônio cultural exposto em monumentos para apreciação pública em espaços de memórias destes grupos.

Imediatamente, além de procurar possíveis respostas para as inquietantes perguntas, passei a me preocupar e observar atentamente os materiais disponíveis nas escolas onde atuo como professor de História no ensino fundamental. Além de prestar muita atenção nos materiais também passei a me preocupar com a minha prática docente para entendimentos e debates sobre as questões que envolvem os povos indígenas na atualidade, a diversidade e as demandas dos grupos frente aos complexos processos de interação étnica na sociedade brasileira.

A oportunidade de realização de um Curso de Mestrado Profissional em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul possibilitou a elaboração de um projeto que contemplou minha atuação no cotidiano escolar, uma busca pelas respostas advindas do público discente, reflexões sobre as nossas práticas docentes, aprofundamento de estudo da temática indígena para além do ambiente escolar nos entendimentos dos tempos diferentes e das diversidades étnicas dos grupos na atualidade.

A preocupação com o acesso e a utilização de fontes de estudos e busca de materiais sobre o tema foi considerada a partir da constatação das fontes disponíveis e de fácil acesso para os alunos. A escolha dos vídeos do *youtube* foi feita porque percebi que esta ferramenta é facultada para a grande maioria do nosso público discente, utilizada em situações frequentes, não raras vezes sendo a única

¹ Escola Estadual de Ensino Médio, na qual trabalho como professor concursado desde o ano de 2014.

fonte procurada, aceita e largamente utilizada nas respostas as demandas do dia a dia das escolas.

Após uma busca por autores que tratavam do tema, foi feita uma revisão de literatura que apontava para novos caminhos e possíveis perspectivas de abordagem deste tema. Entre os autores, é possível citar Aníbal Quijano, com a percepção que a colonialidade hierarquizou as sociedades coloniais a partir de raças e tornou hegemônicas as formas de compreensão do mundo a partir de um centro europeu. Ou seja, as sociedades que passaram pelo processo de colonização que implicou a destruição das estruturas sociais ali presentes, foram despojados dos saberes e meios de expressão . E, ao longo do tempo, a percepção de mundo eurocentrada foi tornando-se hegemônica no modo de produção de conhecimento, e o próprio imaginário foi colonizado. Mostrando, o processo que levou a ocorrência do nascimento dos essencialismos e equívocos ao tratar do outro sob uma ótica baseada num centro europeu.

Além deste autor (Aníbal Quijano), vários outros foram consultados e encontram-se citados e relacionados durante o decorrer do trabalho, entre os quais dois de origem indígena, Gersem Baniwa e Daniel Munduruku. Também foram estudados autores que trabalharam com o tema, mesmo que de modo indireto, nas questões do ensino de história indígena, como Circe Bittencourt, Luísa Tombini Wittman, entre outros. Ainda, ressalto a contribuição dos autores presentes nas bibliotecas escolares por meio do PNBE temático.

Na tentativa de encontrar um caminho metodológico que resultasse em respostas satisfatórias elaboramos, primeiramente, um levantamento de dados com a elaboração de oito questões para ser aplicado nas escolas, buscando uma primeira sondagem sobre a proximidade dos alunos com o tema.

A metodologia do trabalho foi dividida em três etapas e partiu de uma busca de dados entre os alunos, sempre procurando a compreensão de outras temporalidades, as diversidades nas percepções dos estudantes a partir de recursos digitais na tentativa de construir um corpo documental para análise e produção de material para a minha prática docente.

Na primeira etapa, seguindo um planejamento feito ainda no projeto de pesquisa, antes do início das demais atividades foi elaborado e aplicado um

levantamento de dados com os alunos, entregando uma folha de papel com oito questões para serem respondidas e devolvidas, com o objetivo de compreender quais conhecimentos os alunos possuíam sobre o tema.

A segunda etapa consistiu em pesquisas no *Youtube* sobre vídeos que possuíam conteúdo sobre o tema. Nesta etapa da atividade houve o acompanhamento do professor em três das quatro turmas, visto que estão localizadas em uma escola que possui laboratório de informática. Para ser possível o acompanhamento dessas pesquisas dos alunos os grupos utilizaram uma ficha para cada vídeo, respondendo os motivos das escolhas dos materiais e os canais que produziram e/ou postaram os mesmos.

A terceira e última parte da coleta de dados foi a edição, por parte dos estudantes, de pequenos vídeos usando os trechos selecionados na ficha anterior, com as definições do que encontraram nas pesquisas realizadas. Podiam, dessa forma, utilizar vídeos em uma linguagem diversa, ou seja, não se restringindo apenas ao registro por meio da escrita.

O desenvolvimento do trabalho, as aplicações e experiências ocorreram na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Marcos, no ano de 2017 entre os meses de outubro e dezembro. Iniciamos o levantamento dos dados com as oito questões escritas nos dias 23 e 24 de outubro, com as fichas e vídeos, entregues até o dia 14 de novembro. Contudo, recebi a maior parte do material, apenas no início do mês de dezembro.

Na escola E.E.E.M. José Maurício, as datas foram posteriores, visto que no ano de 2017 houve greve dos professores estaduais do Rio Grande do Sul. Nesta Escola a primeira etapa foi ocorreu nos dias 20, 22 e 24 de novembro de 2017. As fichas foram entregues e os trabalhos foram apresentados nos dias 5, 7 e 9 de dezembro de 2017. Enfim, em ambas escolas, levantamos um conjunto de documentos e estes materiais ficaram pronto para a análise: as respostas das oito questões, as fichas de escolhas dos vídeos com os trechos selecionados e as produções dos estudantes.

Ao concluir as etapas de revisão de literatura e levantamento dos dados nas escolas foi a vez da análise do material recolhido, contraponto com as práticas docentes e com a literatura especializada, bem como buscar uma prática coerente

para tantas respostas, demandas e anseios de estudantes que questionam a sociedade do seu tempo, sobre tempos diferentes e assim, constantemente, nos levam a reflexões sobre o papel das escolas e a nossa contribuição na construção do conhecimento que ultrapassa os limites da sala de aula (a partir de patrimônio cultural público) e com fontes que vão além dos nossos livros didáticos e material disponível nas escolas (vídeos do *youtube*).

Esta dissertação foi organizada em quatro capítulos, sendo o primeiro essencialmente um relato da trajetória da caminhada metodológica, desde o surgimento do problema de pesquisa, qualificação do objeto a ser investigado. Além de apontar o caminho feito, a preocupação neste primeiro capítulo foi apontar uma convincente justificativa e problematizar o objeto de estudo.

No segundo e no terceiro capítulo, embora separados didaticamente, houve um mergulho nas fontes utilizadas e a preocupação com a narração detalhada de todos os passos seguidos nesta pesquisa, ou seja, os passos utilizados a partir da trajetória de educador de escola pública que toma por objeto de estudo a própria prática educacional.

No quarto e último capítulo estão relatos sobre as reflexões provocadas pela busca das respostas discentes e também das respostas docentes relacionadas ao cotidiano dos educadores diante da pluralidade das fontes, entendimentos e ferramentas disponíveis para estudos além das nossas salas de aula. Por último, as considerações finais representam tentativas de ensaio, reflexões sobre nossas práticas educacionais e os resultados alcançados com este estudo.

1 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO: TEORIA E METODOLOGIA NO CAMPO DA APLICAÇÃO PRÁTICA

1. 1 A origem da proposta

A conclusão de um Curso de Licenciatura (História) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul me levou a atuar como professor do Ensino Fundamental em duas escolas das redes públicas, uma municipal em Gravataí RS e outra estadual, nesta mesma cidade, no estado do Rio Grande do Sul. Atuando desde o ano de 2014, sempre estive atento aos discentes, procurando refletir sobre a minha prática docente, podendo afirmar que este trabalho surgiu a partir de questões cotidianas da prática escolar onde exercito a docência.

Durante uma aula sobre os povos indígenas, uma aluna levantou uma série de questionamentos envolvendo este tema. A aluna relatou que tantas indagações surgiram ao entrar em contato com uma região de visitações que é marcada pela presença, no passado e no presente, de povos indígenas (as ruínas dos sete povos das missões). Este foi o ponto inicial, um momento de profundas reflexões e, principalmente, de questionamentos sobre a efetividade das atividades que eu vinha aplicando.

A primeira conclusão é que o interesse pelo tema não foi fruto de curiosidade acadêmica, vinha de fora da sala de aula e facultado por uma visita a um local público que preserva a memória sobre a temática indígena. A curiosidade da aluna, suscitada pela observação ao patrimônio material, provocou reflexões sobre o que é possível despertar para o conhecimento a partir das práticas de sala de aula.

Durante o Curso de licenciatura este tema foi trabalhado apenas dentro do que o currículo exigia. Contudo, ao perceber as dificuldades surgidas em sala de aula, percebi a necessidade de refletir e repensar as minhas práticas e buscar a utilização daquilo que estivesse próximo e acessível para as demandas discentes.

Ao buscar mais bibliografias história indígena brasileira, encontrei diversos autores relativamente recentes nesse campo de estudos. No entanto, a busca

mostrou mais materiais e reflexões sobre o ensino de história e a cultura afro-brasileira do que de história e das culturas indígenas. Há várias prováveis motivações para esse quadro. Segundo Beatriz Carreta Corrêa da Silva:

Os cursos de graduação tomam o tema como abordado de forma suficiente nas cadeiras de história do Brasil e História, da América, e mesmo as instituições que oferecem as disciplinas de História da América Pré-Colombiana, também não correspondem as questões impostas pela lei 11645/08 pois demonstram de forma panorâmica as culturas mesoamericanas. Tendência essa que é repetida pelos livros didáticos. (Silva, 2012, p.22)

Nos últimos anos a temática indígena esteve em pautas de diversos espaços de mídia, principalmente devido a questões de disputas pelas demarcações e garantia das terras tradicionais. Como a história é a área do conhecimento, no ensino fundamental, mais próxima dos temas das humanidades, acontecimentos/conflitos contemporâneos aparecem constantemente na prática docente, e o professor muitas vezes passa a ser a referência para questionamentos formulados a partir de acontecimentos recentes.

Ao perceber as falhas da minha prática, ao trabalhar com as temporalidades diversas desses povos e suas lutas no passado e presente, busquei respostas em fontes diversas. Uma primeira consulta foi nos livros do PNBE, presentes em muitas escolas do Brasil, como algo que faz parte do dia a dia dos estudantes que contam com acesso à internet. Ou seja, não sou um acadêmico discutindo um tema há muito conhecido por mim, mas sim um professor refletindo sobre minhas práticas no tema.

1.2 Além da questão legal

Além de existir uma lei² que tornou obrigatório o ensino de história indígena, algumas perguntas levantadas por estudantes do ensino fundamental, me levaram a pensar que uma outra forma de trabalhar com essa temática era possível, que era necessário fazer algo que despertasse o interesse acadêmico pelo tema.

As perguntas levantadas pela aluna do oitavo ano continuavam latentes:

² Lei nº11645, torna obrigatório o estudo da história Afro Brasileira e Indígena nos estabelecimentos de ensino médio e fundamental, públicos ou privados. (BRASIL, 2008 disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)

onde estão os índios que viviam aqui? Eles estão no sul do Brasil também ou só na Amazônia? Eles construíram tudo aquilo? (monumentos das missões) Por que eles entraram em guerra? Por que os padres *ajudavam* eles? O que a Espanha tinha a ver com o Brasil? E por fim, a pergunta mais difícil de responder: Qual é a *verdadeira* história dos índios?

Como havia certo interesse dos demais estudantes nessas questões, começamos a trabalhá-las de forma quase imediata. No entanto, não creio que os resultados tenham sido satisfatórios. A partir das reflexões posteriores, passei a pensar em elaborar planos e atividades utilizando como base os questionamentos dessa aluna, que vão desde o estudo da forma de produção dos conhecimentos históricos, até o estudo da historiografia indígena da região.

Após algumas reflexões com a mesma turma, percebi que as visões e posições eram formadas por bases comuns, e que muitos questionamentos pertinentes não chegavam à sala de aula e algo ainda mais preocupante: opiniões eram formadas a partir de rápidas pesquisas na internet sem o devido cuidado com as fontes. As buscas que grande parte dos alunos realizava não eram em endereços eletrônicos que direcionassem para plataformas que apresentassem as informações por meio de texto escrito. A linguagem procurada para responder as perguntas eram, em sua grande maioria, a partir de vídeos presentes no Youtube. Quando perguntei o porquê desse comportamento, muitos disseram que era mais fácil entender a partir dos recursos que os vídeos apresentavam.

Se analisarmos que os locais de fala das fontes em plataformas com texto escrito é um exercício que não é automático, e, muitos menos, fácil para o ensino fundamental, podemos então imaginar a dificuldade que se apresentava na prática desse exercício em um site onde podem ser postados vídeos de várias origens e autorias desconhecidas. Essas buscas colocaram os alunos em contato com trechos de obras cinematográficas das mais variadas origens, direções e temporalidades. Ao mesmo tempo em que apareciam trechos de documentários e programas escolares, apareciam também vídeos de autoria desconhecida.

Esta constatação, visto que eu não havia limitado propositadamente as pesquisas, permitiu a observação de que as obras que tratavam dos povos nativos do Brasil ficaram relegadas a segundo plano, assim como documentários ou notícias

que dessem conta de temporalidades contemporâneas. Ou seja, o passado indígena era mais interessante para os estudantes do que as questões que envolviam os indígenas do presente.

1.3 O passado em disputa nas demandas do presente

Aprender sobre as relações e os processos históricos que envolvem povos indígenas é necessário, porém, não elimina a existência de descendentes desses povos no presente do Brasil com demandas tanto relativas ao nosso tempo, quanto relativas ao passado. Este, segundo o relatório de consultoria sobre história e cultura indígena³ apresentado na primeira página, é trabalhado nas graduações com o enfoque nas relações pós conquista, o que não salienta a presença e a atuação dos povos indígenas atualmente.

A área da história é um dos primeiros contatos escolares dos alunos com as humanidades e é comum, durante as aulas, aparecerem questionamentos que nos remetem ao campo de outras áreas do conhecimento. Ou seja, quando um aluno pergunta o porquê dos conflitos pelas terras entre brancos e índios ou pergunta sobre a presença de placas no centro de Porto Alegre que indicam que ali é área indígena, quem é indagado (a princípio) é o professor de história. Como dar conta de perguntas que permeiam tantas áreas do conhecimento? É possível? Quais podem ser os recursos a serem utilizados para pensar as diversidades presentes em nossa sociedade?

O conceito de cidadania passa a ser pontual para a compreensão de quais vozes são ouvidas e quais são silenciadas na sociedade, e a cidadania indígena onde se encaixa? Em "O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje", Baniwa escreve:

³ SILVA, Beatriz Carreta Correa, **LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE INFORMAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA "HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA" NOS CURSOS DE LICENCIATURA DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS**. 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13940-produto-1-historia-cultura-povos-indigenas-pdf&Itemid=30192 acesso em 22/03/2017.

Nos últimos vinte anos, os povos indígenas do Brasil, por conta de muita luta, mobilização e pressão política, foram conquistando gradativamente o status político de cidadania brasileira, o que significa, na prática, a possibilidade de usufruírem dos direitos garantidos aos cidadãos brasileiros enquanto continuam adotando os seus modos próprios de viver, de pensar, de ser e de fazer. O alcance da cidadania significa para os índios uma faculdade ainda remota de dupla cidadania: indígena e brasileira ou planetária. Isto porque os povos indígenas conquistaram a possibilidade de ter acesso às coisas, aos conhecimentos e aos valores do mundo global, ao mesmo tempo em que lhes é garantido o direito de continuarem vivendo segundo tradições, culturas, valores e conhecimentos que lhes são próprios. No entanto, esses direitos estão longe de serem respeitados e garantidos. (BANIWUA,2006 p.87)

É grande o número de informações que atingem os estudantes. Importante trabalhar no sentido de mostrar que as questões pertinentes aos indígenas no presente, se não forem cuidadosamente estudadas, pensadas e conhecidas podem apenas reforçar estereótipos.

Segundo Daniel Munduruku:

Ailton Krenak lembra que o Movimento Indígena revelou um rosto que o Brasil não conhecia, e por isso marcou um contorno novo na relação com o Estado brasileiro. Isso não significa que o Brasil modificou sua visão dos povos indígenas, mas que se viu obrigado a perceber a existência da diversidade cultural até então ignorada pelo Estado nacional. (Munduruku, 2012 p. 195)

O reconhecimento dessa diversidade pelo estado ocorreu a partir da mobilização dos povos para isso. Sempre tendo voz pelas suas demandas para uma sociedade que não escuta/escutava. Visto que, são vozes que sempre estiveram presentes. Contudo, foram relegadas a posições de afastamento, por discursos que ignoravam a presença, e crescimento da população indígena brasileira. Tais discursos que aventam o desaparecimento das populações, são fruto de uma imagem essencialista. Segundo Luisa Tombini Wittmann:

Quando se afirma que populações indígenas estão em vias de desaparecimento ou já fazem parte do passado, utiliza-se frequentemente a palavra “extermínio”, decretando o fim de sua existência e de quaisquer possibilidades futuras. Outras

vezes é apresentada uma visão conservadora, na qual a cultura indígena aparece ligada a uma tradição milenar, estabelecendo uma resistência absoluta que ignora as mudanças inerentes às relações humanas. Mesmo quando transformações culturais são percebidas, por vezes o índio é retratado como um mero remanescente que teve sua cultura destruída ou descaracterizada. Essas são posturas essencialistas, pois pensam o indígena como pertencente a uma cultura ideal e estática, ora como vencedor resistente, ora como derrotado pelas mudanças. O movimento da história não é apropriadamente levado em conta, como se as relações fossem - em uma perspectiva, claramente reducionista - uma guerra contínua entre vencedores e vencidos, na qual ninguém se transforma. (Wittmann, 2017p. Kindle)

É importante trabalhar com os alunos, ainda no ensino fundamental, o fim dessas visões essencialistas, com um contato maior com as produções realizadas por povos e sobre povos indígenas, principalmente ligadas a nova história indígena, para evitar a propagação de ideias essencialistas que possam servir para ações e princípios conservadores que tomam forma na sociedade contemporânea, como os conflitos em relação a terra e a conservação do meio ambiente. Aspectos que foram amplamente destacados pelos estudantes ao realizarem as atividades do presente trabalho.

Mostrando a importância de cumprir com as demandas das quais a lei 11645 mostra apenas uma pequena parte do que cabe para professores a fim de atender uma demanda social importantíssima. A qual surge, segundo Munduruku, a partir do Movimento indígena. Em, o “Caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)”⁴ o autor confere ao Movimento indígena o papel de ser articulador entre os indígenas e de aproximação com a sociedade, o que levou a aprovação de leis que dão visibilidade aos povos indígenas no contexto nacional para aceitar as sociedades indígenas como presentes e atuantes no processo histórico nacional:

(...)quando a recentemente aprovada lei nº 11645/08, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena” - uma conquista orquestrada pelo Movimento indígena dos anos 2000 - , numa clara demonstração de continuidade das lutas indígenas contemporâneas e também do caráter educativo do Movimento

⁴ Uma das obras presentes nas bibliotecas escolares, a partir do FNDE.

Indígena, que sempre foi o objetivo central desta obra. (Munduruku,2012, p. 224)

A quebra de estereótipos presentes em sala de aula passa também pelo modo de como os estudantes enxergam o tempo e a relação desse com os povos indígenas. A complexidade do tempo não é percebida quando nos atemos apenas a uma versão linear evolucionista metódica quase oitocentista de livros didáticos. Ao citar Aílton Krenak, Daniel Munduruku marca que a história do contato dos povos indígenas com ocidentais não tem uma marca temporal única, mas continua ainda ocorrendo atualmente, para alguns grupos indígenas o 1500 ainda não ocorreu:

No amplo evento da história do Brasil o contato entre a cultura ocidental e as diferentes culturas das nossas tribos acontecem todo ano, acontecem todo o dia, e em alguns casos se repete, com gente que encontrou os brancos aqui no litoral, 200 anos atrás, foram para dentro do Brasil se refugiaram e só encontraram os brancos de novo agora, nas décadas de 30,40 50 ou mesmo na década de 90. Essa grande movimentação no tempo e também na geografia de nosso território e de nosso povo expressa uma maneira própria das nossas tribos de estar aqui neste lugar.(op. Cit citação de citação Krenak 2000, p.19 – Munduruku, 2012, p. 196)

Há de se considerar a diversidade dos povos nativos do Brasil, para pensar uma história sem reforçar estereótipos, de forma crítica, para Edson Silva a afirmação da diversidade sociocultural indígena é necessária para o *reconhecimento do direito às diferenças socioculturais*, e para a compreensão da possibilidade de coexistência (Silva, 2012, P.5). Então, pensar a diversidade indígena, tanto na história, quanto no presente, nos permite apreender as possibilidades da coexistência.

Então, percebe-se a partir do caso que iniciou a realização do trabalho que história não se aprende apenas na escola. Visto que foi a partir dos questionamentos de uma aluna ao entrar em contato com conhecimentos históricos em espaço não escolar que deu princípio as reflexões. Ou seja, ao entrar em contato com a História Pública essa estudante levou para a sala de aula informações vindas de fora do espaço escolar. Por História Pública Marta Gouveia de Oliveira Rovai apresenta:

Entende-se aqui que a História Pública pode ser um conjunto de práticas que nasce do diálogo com os profissionais da comunicação, num trabalho interdisciplinar preocupado com as políticas de conservação, restauração, exposição e visita dos “lugares da memória” (tradicionais ou virtuais), de produção e difusão de conhecimento acadêmico e de saberes advindos da experiência coletiva (Rovai 2017,p.47.).

Esses lugares de memórias e espaços ocupados pela história pública encontram-se em constante contato com a sala de aula e a experiência dos estudantes sobre sua definição do que é história. As visitas em lugares de memória com diversas características, tanto virtuais quanto físicas, tem reflexo no ensino de história na escola. Pode-se pensar como exemplo disso o presente trabalho, uma visita com a família a um local público de memória levou a aluna a fazer questionamentos em sala de aula tencionando a história disciplinar ensinada a partir do contato com uma forma de história pública⁵.

Segundo a autora já citada anteriormente, trata-se de um conjunto de práticas que demonstram a preocupação com a visualização das culturas populares e das formas de compreensão da amplitude do mundo e da difusão do conhecimento, o qual pode ser tanto escolar, na via da educação formal, ou não. A partir do uso dos vídeos do *Youtube* para trabalhar com o tema, há a possibilidade de pensar aquilo que Rovai afirma: (Rovai 2017. p.48)

A História como ciência e a educação histórica, muitas vezes manipuladas por uma versão única, e congeladas no tempo pelo registro de alguns grupos privilegiados, poderiam se voltar para a ideia de justiça social se entendida de forma mais dinâmica e tensa (Rovai2017. p.51).

Com o acompanhamento dos vídeos escolhidos pelos estudantes pretendo auxiliar na escolha de produções que tenham ligações com grupos indígenas, como o projeto “Vídeos na aldeia” e demais que aparecerão durante a busca. Dessa forma, o presente indígena e a agência de grupos que utilizam a internet passa a ser percebido no cotidiano escolar, buscando, como coloca a autora, não só o uso nem a divulgação, mas o aprendizado a partir de recursos já utilizados como meio de pesquisa pelo público jovem, integrando recursos e pensando na possibilidade de

⁵Não pretendo fazer as conexões com os diálogos entre a comunicação e a história, mas sim enfatizar as possibilidades de trabalho e reflexões a partir do contato dos estudantes com esses materiais.

trocas de experiência, não como um fazer história, mas como uma forma de pensar a história ensinada a partir de novos recursos:

Deve-se salientar que fazer história pública não é só ensinar e divulgar determinado conhecimento. Pressupõe pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos, além de enorme vontade de trocar experiências e aprender com elas. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material e imaterial ou nas experiências sociais diversas ao longo da história, mas em como contribuir para que cada indivíduo ou comunidade possa pensar e entender sua própria história, a relação intrínseca entre passado, presente e futuro. (Rovai2017. p.52)

Foram tomados os devidos cuidados para não transformar em folclore, ou em uma busca apenas por curiosidades ou até mesmo como mera forma de atrair a atenção dos estudantes para a história produzida fora da academia, mas sim para demonstrar a existência de outros meios de compreensão do tempo e da realidade a partir do uso de recursos, até então utilizados por eles apenas como entretenimento, ou ilustradores de conteúdos escolares ou de meio de pesquisa sem rigores ou cuidados, principalmente em relação aos agentes produtores das obras, visto que o *Youtube* é uma plataforma onde qualquer pessoa que possua uma conta no mecanismo virtual “Google” pode postar, sejam vídeos de terceiros, próprios ou apenas editados.

Embora não apenas os recursos utilizados no presente trabalho correm riscos de ao apresentar imagens, falas e significações de culturas diversas, reforçar a estereotipagem e preconceitos que essa visibilidade pode trazer (recursos presentes constantemente em sala de aula como imagens e textos de livros didáticos, se não pensados podem causar o mesmo efeito), os questionamentos serão constantes, ainda mais considerando que o público é escolar.

1.4 Problematizando as relações étnico-raciais

Entendendo que um dos objetivos centrais ao se trabalhar com relações étnico-raciais em um espaço formal é problematizar naturalizações e estereótipos já existentes na sociedade e que podem ser considerados como verdades pelos

próprios alunos, são necessários cuidados para evitar as possibilidades de reforço dessas generalizações. Para Bittencourt Júnior:

O ensino-aprendizado dos conhecimentos, tanto africanos e afro-brasileiros quanto indígenas, não deve suscitar conteúdos curriculares e suas propostas político-pedagógicas, limitadas aos binarismos civilizatórios e culturais. Do mesmo modo, é imprescindível romper com os silenciamentos pedagógicos, as ausências curriculares acerca das culturas negra e indígena, nos âmbitos escolares e não escolares. Por outro lado, os congelamento das complexas culturas afro-brasileiras e indígenas diante da imposição de um caráter de homogeneidade cultural e da reiteração de práticas culturais e de representações sociais estereotipadas, criadas, promovidas e difundidas pelas culturas nacionais hegemônicas. (Bittencourt, 2017, p.98)

Com o objetivo de evitar os problemas apresentados, há a possibilidade de direcionar as buscas para resultados que priorizem vídeos que tenham sido produzidos por povos indígenas, em projetos variados em que a linguagem audiovisual tenha sido utilizada e, posteriormente postados no *Youtube*, sem, no entanto, criar binarismos civilizatórios nem culturais, demonstrando assim, que existe uma diversidade étnica no Brasil que não corresponde às generalizações existentes na sociedade brasileira.

Para Bittencourt, há premissas que devem ser levadas em conta quando é pensado o trabalho para as relações étnico raciais no currículo escolar. A primeira delas versa sobre as “*Tradições e homogeneidades históricas e antropológicas*” (Bittencourt, 2017, p.99). Nessa premissa, o autor usa de exemplo apenas as questões relativas às culturas africanas e afro-brasileiras, no entanto são afirmações que podem ser utilizadas também para os povos indígenas, visto que há também o risco de nos prendermos aos essencialismos e utilizarmos recortes homogeneizantes em relação à diversidade dos povos indígenas.

A segunda premissa, que é “*Hibridismos e posicionamentos culturais e políticos*” , encontra-se diretamente ligada à atividade proposta pelo presente trabalho por meio da utilização de produções contemporâneas realizadas com objetivos diversos por autores em sua maioria, indígenas. Segundo o autor:

(...) revisão das matrizes históricas e culturais tradicionais, por meio de propostas pedagógicas e conteúdos curriculares, a partir das posições e relações estabelecidas nas sociedades moderno-contemporâneas , ensejando novas práticas culturais, novos signos, novas representações sociais, com as quais as culturas africanas e afro-brasileiras ou indígenas são atualizadas e ressignificadas. (BITTENCOURT, 2017p.100)

A partir dessa referência, há a possibilidade de se pensar juntamente aos alunos, que, como visto no início do trabalho, possuem interesses em entender os processos que enxergam no presente. A estudante que realizou os questionamentos que deram início às reflexões, pensou-os a partir de espaços não escolares que havia observado em um passeio familiar, o qual lhe mostrou uma realidade diferente daquela experienciada nos conteúdos escolares.

O entendimento de que as culturas estudadas são dinâmicas e estão em constante transformação é importante para refletir sobre as relações étnico-raciais na sociedade brasileira e auxiliar a evitar maiores problemas com a possibilidade de reforçar os essencialismos e generalizações presentes no cotidiano dos jovens. Enfim, conhecer os movimentos indígenas do presente, as mudanças e as formas de enxergar o mundo e o tempo relaciona-se com a compreensão das diversidades.

A terceira premissa é “*Autonomias políticas e singularidades culturais*”, esse tópico tem relação com as atividades do primeiro trabalho, pois o estudo das produções pode ter ligação com os movimentos indígenas ou com projetos que possuem o objetivo de dar visibilidade para as realidades cotidianas e crenças. Além de demonstrar as vontades políticas das populações e tornar perceptível suas possibilidades de resistência e agência frente às questões impostas pela sociedade brasileira.

Ainda de acordo com Bittencourt:

apresentação dos conteúdos curriculares decorrentes da criação cultural de vanguarda (elevado grau de originalidade) das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, como resultados dos protagonismos políticos e culturais. Nesse sentido, as multiplicidades são a própria realidade, não supondo nenhuma unidade, nenhuma totalidade e, tampouco, remetendo a um sujeito. Então, as práticas culturais e representações inovadoras das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas constituem singularidades, cujas relações são devires, portanto, processos em constante construção. Os conteúdos curriculares são acrescidos de práticas e categorias culturais, as quais não estão presas a um passado histórico e mitológico e, tampouco, certezas futuras e, nem mesmo a uma unidade anterior ou ulterior. (Bittencourt, 2017.p. 101)

A partir disso as práticas escolares podem ser pensadas para a compreensão das multiplicidades, evitando, desse modo, reforçar discursos generalizantes e reducionistas que levam a afirmações preconceituosas que são realizadas a partir de estereótipos existentes na sociedade contemporânea. Para que esse movimento

possa acontecer, os trabalhos não devem ficar apenas atrelados a datas comemorativas (Bittencourt, 2017 p. 101), isto é, eles devem ser constantes, visto que em cada notícia, capítulo de telenovela, programas especiais realizados pela televisão ou até mesmo vídeo de algum *Youtuber* popular entre os jovens, que traga o tema, os questionamentos estarão presentes na sala de aula, juntamente a eles estarão os estereótipos a serem quebrados por práticas escolares que visem pensar a diversidade.

2 TRAJETÓRIAS POSSÍVEIS: OS CAMINHOS DA METODOLOGIA

2.1 A escolha das fontes

Embora tenha havido uma primeira ideia de trabalhar com filmes, percebi que as produções cinematográficas, a partir do que havia observado com a experiência em sala, parecem não atrair a atenção e muitas vezes ocorria certa indiferença em relação aos personagens e enredo, pois proporcionava pouca interação, tornando os estudantes mais uma vez apenas observadores do processo. Além disso, segundo Claudio de Sá Machado Júnior:

Ao observarmos uma história do audiovisual, especialmente no Brasil, encontraremos ampla dificuldades de evidenciar um protagonismo indígena no que diz respeito à sua formação. Isso porque o nosso processo de desenvolvimento das comunicações, ou mesmo das telecomunicações, é indissociável de nossa história econômica, social e política. (MACHADO,2011 p.71)

A partir desta reflexão, a intenção do trabalho passou a ter um objetivo mais amplo, o de incentivar a prática do pensamento crítico sobre as diversas produções. Grande parte dos filmes, assim como outras produções com essa temática, foram realizadas por produtores externos a culturas indígenas:

A participação da cultura indígena no contexto do desenvolvimento do audiovisual brasileiro se caracterizou pela condição de povos em pauta de filmagem, e não povos que realizaram filmagens. Algo semelhante com o que ocorreu, ao longo de toda a nossa história, com a documentação escrita e pictórica da qual se valem muitos historiadores contemporâneos e que engendrou um ponto de vista sobre o outro, sem que, necessariamente, esse outro tivesse uma participação efetiva no discurso visual e verbal. (MACHADO,2011 p.71)

Ao fazer um breve levantamento entre os estudantes, constatei que a grande maioria utilizava o site de postagens de vídeos *Youtube* para fazer pesquisas, um dos alunos afirmou que utilizava sítios de busca como o google para fazer “trabalhos de entregar”, mas quando queria aprender como se faz algo ou entender determinado assunto buscava vídeos porque, em suas palavras “são mais fáceis de entender”.

As novas linguagens que o acesso à internet tem apresentado aos estudantes impactam na sala de aula e no cotidiano escolar, há trabalhos já realizados utilizando e analisando mídias contemporâneas e os cuidados com a análise e o uso devido sua produção⁶.

Enfim, a realização do presente trabalho se justificou para além das questões e obrigações legais, por tencionar o pensar das possibilidades de trabalho com o ensino e o aprendizado da história indígena por pessoas não indígenas. Desafio imposto pela lei e pelas demandas de nossa sociedade atual, de culturas diversas na sociedade brasileira (Baniwua, 2006, p.48).

A partir desses tensionamentos, pensei nas formas de trabalho em sala de aula de modo a me aproximar de possibilidades para compreender, principalmente, a seguinte questão: como contemplar a existência de formas variadas de compreensão do tempo em sala de aula? Além disso, houve também um objetivo nevrálgico que foi o de colocar os povos estudados não só como personagens, mas também como autores, bem como levar os estudantes a produzir seu próprio material de estudo/pesquisa utilizando ferramentas que, apesar de presentes em seu cotidiano, normalmente são ignoradas para esse fim.

Pensando numa possível metodologia eficiente para resolver meu problema de pesquisa, busquei um caminho com três etapas, todas com objetivo de recolher dados para a análise posterior sobre a compreensão de outras temporalidades e diversidades pelos estudantes a partir de recursos digitais. Na primeira etapa buscamos compreender quais conhecimentos os alunos possuíam sobre o tema, levantando dados a partir de um conjunto de perguntas aplicadas antes do início das atividades.

A segunda etapa consistiu em pesquisas no *Youtube* sobre vídeos que possuíam conteúdo abordando o tema escolhido. Nesta etapa da atividade houve o acompanhamento do professor nas três, das quatro turmas, facultado pela existência de laboratório de informática numa única escola das que atuo.

A outra turma não teve acesso à internet na escola, contudo, em questionamentos prévios esclareceram que acessavam a rede em casa. Para ser

⁶ Segundo o portal Tecnologia da IG, uma pesquisa realizada pelo próprio *Youtube* mostra que, no Brasil, 95% dos usuários da internet utilizam a plataforma, desses, 31% utilizam para fins educativos. Disponível em: <https://tecnologia.ig.com.br/2017-07-28/youtube-usuarios.html>

possível o acompanhamento dessas pesquisas dos alunos os grupos utilizaram uma ficha de escolha para cada vídeo (ANEXO 02) respondendo os motivos das escolhas dos vídeos e os canais que produziram e/ou postaram os mesmos.

A terceira e última etapa da coleta de dados foi a montagem, por parte dos estudantes, de pequenos vídeos usando os trechos selecionados na ficha anterior e/ou editando trechos de vídeos com as definições sobre o que encontraram nas pesquisas realizadas. Podendo, dessa forma, produziram seus vídeos em uma linguagem diversa, ou seja, não se restringindo apenas ao registro por meio da escrita.

2.2 O levantamento dos dados nas escolas

O primeiro conjunto de perguntas que foi aplicado⁷ buscou uma sondagem da proximidade dos alunos com o tema. A primeira questão perguntava sobre os povos nativos do Brasil. Com esse questionamento busquei as percepções sobre os termos a serem utilizados para definir os povos autóctones.

A segunda questão foi sobre quando a última vez que o aluno estudou os povos indígenas do Brasil. Com essa questão pretendia entender a marca da escolarização e do currículo na memória recente dos indivíduos, pois, uma forte hipótese para a resposta dessa questão remetia aos trabalhos realizados antes do início dos estudos nas séries finais do ensino fundamental.

Na terceira questão sobre as pessoas que se identificavam como indígenas buscou entendimentos sobre o modo de se pensar sobre a(s) proximidade(s) e o(s) afastamento(s) relacionado aos povos indígenas.

Na quarta questão sobre a última vez que o discente viu/assistiu algum programa de televisão que mostrasse questões relacionadas aos povos indígenas e uma descrição do programa já visou o alcance, sobre o grupo de estudantes com o qual trabalho, a partir das mídias televisivas e também sua produção.

⁷ A ficha completa com as questões estão no Anexo I, o principal objetivo dessa etapa foi a sondagem do conhecimento dos alunos sobre o tema.

A quinta questão para relato sobre alguma notícia em telejornais que envolvesse povos indígenas e a descrição de como a acompanhou, pretendia observar o alcance das notícias televisionadas entre os estudantes.

Na sexta questão sobre o conhecimento de quantas culturas indígenas existiram no Brasil e quantas ainda existem hoje foi fundamental para perceber a existência de um conhecimento prévio da diversidade cultural existente nos povos autóctones brasileiros.

Na sétima questão sobre a possibilidade do discente já ter realizado algum trabalho escolar sobre os povos indígenas, como havia realizado e qual havia sido a proposta do trabalho, buscou os subsídios para perceber o papel da escola nos estudos do tema, percebendo quais foram as atividades sobre os povos autóctones que os estudantes já realizaram e que ficaram marcados em suas memórias durante a trajetória escolar.

Na oitava e última questão sobre a realização de alguma pesquisa (sem ser na escola) sobre os povos indígenas, o levou o aluno a pesquisar e os meios e termos que utilizou para fazer a pesquisa, indicou o número de alunos que já tiveram curiosidade em relação ao tema, de que maneira buscaram respostas para os anseios que não partiram de uma sala de aula.

2.3 Escolha dos vídeos do youtube

Após a realização do primeiro levantamento, a etapa intermediária foi a escolha dos vídeos pelos alunos. Diante da impossibilidade de acompanhamento de todas as escolhas, pois não há laboratórios em funcionamento nas duas escolas, nem acesso à internet numa delas, foi impossível acompanhar todos os alunos das turmas escolhidas nas escolhas dos vídeos. De qualquer modo, foi entregue uma ficha que foi preenchida com os dados de cada material assistido.

Nesta etapa de escolha dos materiais, os discentes tiveram um prazo de três semanas para realização. Ao receber as fichas com os vídeos elencados foi a vez

de acessá-los e provocar uma discussão sobre as escolhas feitas, bem como participar da escolha final para a etapa de edição.

As etapas seguiram apenas com os vídeos escolhidos e o acesso de todos aos conteúdos em exibição, alguns acessaram nos laboratórios das próprias escolas e outros de forma individual em outros espaços. O acesso coletivo, nas salas de aula só foi possível (o acesso ao laboratório ficou restrito por questões administrativas e de logística) quando levei material pessoal para facilitar o acesso à rede de internet (notebook com acesso cadastrado na rede), para provocar reflexões sobre as escolhas, com participação docente e de todos que os grupos coletivamente.

Ao analisar as fichas foi possível um conjunto de informações que subsidiaram as discussões e reflexões. Por exemplo, eu já conhecia os termos utilizados na busca, títulos dos vídeos, nome do canal e autor, justificativa de escolha, dados sobre autoria, tempo de duração, sugestão de trechos para serem utilizados nas edições e, principalmente, a parte escolhida, ficha essa presente no Anexo II.

Todas as questões relatadas na ficha tiveram o objetivo de fazer pensar sobre quem produziu o material e como a busca e a escolha foram realizadas, para depois começar a terceira etapa, que foi o uso desses trechos para a produção de um novo material. Importante destacar que participei na escolha dos vídeos, incentivando a utilização de materiais produzidos por canais de povos indígenas que falavam sobre cultura, tempo, entre outros temas.

Na terceira e última etapa, já feita a escolha dos vídeos do *youtube*, de forma metódica e planejada, realizamos a exibição dos vídeos escolhidos. O título sugerido já refletia uma das ideias centrais desta pesquisa: “Pensando o tempo com o outro”, pois colocava sempre uma interrogação sobre os tempos (passado e presente) e as subjetividades (indígenas e não indígenas), bem como também aludia para as questões interétnicas na sociedade brasileira.

1.3 As escolas da minha realidade

As duas escolas nas quais a atividade foi realizada contemplam realidades diferentes em vários aspectos, não apenas na diversidade dos alunos, mas também no espaço físico, nas formas de organização, nas mantenedoras, nos problemas com evasão escolar e no número de alunos matriculados, entre outras tantas diferenças observadas.

A primeira a ser descrita aqui é a Escola Municipal de Ensino Fundamental São Marcos, que fica no município de Gravataí – RS. É uma instituição de pequeno porte, onde funcionam apenas três turmas das séries finais do ensino fundamental, dois sextos anos e um sétimo ano. Nessa escola eu comecei a trabalhar, quando assumi um concurso em março do ano de 2017, o que me fez refletir novamente sobre a atividade a ser aplicada, além de levar a pensar sobre os alunos que ali estão, visto que a realidade anterior era muito distinta⁸.

A partir das questões de uma sondagem inicial que realizo toda vez que entro em alguma turma desconhecida, percebi no sétimo ano, com 26 alunos, que 18 possuem acesso à internet em casa, a partir de computadores. Enquanto o restante possui acesso via celular. Ou seja, de uma forma ou de outra havia acesso em casa.

A E.M.E.F. São Marcos tem um laboratório de informática, que, embora não funcione totalmente, nem comporte a totalidade da turma, permite o acesso. Ou seja, existem possibilidades de conexão com a internet mesmo sendo uma escola que está localizada em uma comunidade mais afastada do município, com traços de localidades rurais, mescladas com urbanas apresentando alguns sítios e loteamentos paralelos.

Uma das questões que, a partir da experiência descrita anteriormente, eu também procuro levantar é quais canais do *youtube* os alunos mais acessam, essa foi respondida, praticamente da mesma forma, com os mesmos canais recorrentes, com materiais e conteúdos de entretenimento aleatório.

⁸ Até março de 2017 atuei como professor concursado no município de Parobé-RS. Por causa das dificuldades com a distância percorrida diariamente, o trânsito e os gastos, optei por assumir o concurso em Gravataí, deste modo, ficando mais próximo da outra escola, da rede Estadual, que já trabalhava desde o ano de 2014.

O uso dos vídeos para trabalhos escolares nessa turma, pelos relatos, era pequeno, com apenas três exemplos dados de alunos que fizeram atividades, ou utilizaram como fonte. Nenhum deles foi para trabalhos da disciplina de história.

A Escola Estadual de Ensino Médio José Maurício⁹, também se localiza em Gravataí e é mantida pelo estado do Rio Grande do Sul. Nesta instituição atuo há mais tempo como professor de história. Durante o turno da tarde trabalho com as séries finais do ensino fundamental. No ano de 2017 trabalhei com três sétimos e dois oitavos anos.

Com mais tempo de trabalho na escola estadual (José Maurício), já conheço melhor a comunidade escolar. No primeiro ano que assumi o sétimo ano da aluna que me perguntou sobre os povos indígenas, entrei na escola em meados de agosto, o último professor de história que eles tiveram contato tinha saído da escola ainda em abril. Então, foi complicado pensar alguma atividade que atingisse os objetivos necessários sobre o tema (foi o trabalho de pesquisa descrito anteriormente). Embora os alunos permaneceram por um terço do ano sem professor de História, não me isento de falhas pela minha falta de experiência em sala de aula, estava iniciando no magistério, foi meu primeiro ano como professor.

Enquanto a E.M.E.F. São Marcos tem três turmas das séries finais de ensino fundamental, a E. E. E. M. José Maurício tem oito apenas no turno da tarde, a média de alunos por turma também é muito maior. Nas três turmas de sétimo ano em que o trabalho foi realizado tem, em média 33 alunos matriculados por turma. Com médias de idade entre 12 e 14 anos, como nas demais turmas também.

Na José Maurício, fiz as perguntas em relação às possibilidades de conexões deles com a internet ainda no início do ano de 2017. Percebi que eram menores as possibilidades de acesso em casa, contudo, costumam utilizar meios alternativos como o celular e também frequentam *lan-house*¹⁰.

Percebi que, embora com limitações, não haveriam muitas dificuldades para buscar contatos com os conteúdos do *youtube*. Quando indagados sobre isso, mesmo aqueles que não possuem contato direto, conheciam determinados personagens (*youtubers*) e acompanhavam alguns dos canais mais conhecidos

⁹ Escola estadual de Ensino Médio. Foi nesta escola que ouvi as indagações relatadas no início deste trabalho.

¹⁰ Lugares pagos para utilizar computadores com acesso à internet.

entre eles. Ou seja, a conectividade não seria um grande problema, visto que a prática já era realizada.

Em relação ao laboratório de informática da escola, foi em março de 2017, depois de uma série de consertos realizados, que ele passou a funcionar novamente e atender alunos. Embora não possua computadores para todos os estudantes de uma vez, o acesso é facultado cadenciadamente. Apesar de algumas dificuldades em relação à internet, percebe-se, que nas duas Escolas, mas contando também com espaços fora do ambiente escolar, ela está presente cotidianamente, com diversas alternativas para os problemas de acesso.

3 PRÁXIS NO HORIZONTE

3.1 Mergulhando nas fontes

Ainda durante o ano em de 2015 comecei uma busca por materiais que pudessem auxiliar no desenvolvimento das atividades, sem que as falhas do trabalho realizado no ano anterior fossem repetidas. A primeira busca se deu nos materiais da graduação, principalmente em textos e livros que fossem sobre o tema. Foi pequena a contribuição, tive pouco aproveitamento deste material, julguei que não eram adequados e nem ajudariam nas minhas aulas. Visto que durante a graduação o pensar em materiais para a sala de aula não foi priorizado quando trabalhadas as questões indígenas.

A segunda busca se deu nas bibliotecas das escolas e, naquele ano, apenas numa delas havia uma pessoa responsável pela organização. Encontrei apenas materiais didáticos e paradidáticos para serem utilizados diretamente com os alunos, não era aquilo que eu queria, pensava poder encontrar obras acadêmicas que tivessem sido produzidas a partir de questões que envolvessem a temática e a sala de aula.

A terceira foi uma busca geral na internet sobre formas de tratar a temática em sala de aula. Essa etapa foi, das iniciais, a que rendeu mais materiais naquele período. Foi quando encontrei uma entrevista do Eduardo Viveiros de Castro, intitulado: “No Brasil todo mundo é índio: exceto quem não é”¹¹, com definições interessantes e contrastantes com o senso comum. Pronto, já havia começado a surgir materiais com as possibilidades que eu buscava. Logo após, foram outros artigos e entrevistas que aos poucos passaram por processos de substituição, conforme o tempo passava e eu encontrava mais materiais.

O quarto local de busca, ainda em 2015, foi o próprio youtube, no entanto, naquele momento boa parte dos materiais que encontrei, eram trechos de

¹¹ A entrevista encontra-se no seguinte link:
https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf

documentários, ou reportagens realizados nos anos anteriores. Como os que foram postados pelo canal do Museu do Índio Botafogo¹² que possui vídeos desde o ano de 2011. Reportagens do canal TVBrasil¹³, o qual possui temas variados, contudo, em 2013 apresentou uma série de reportagens sobre direitos dos povos indígenas do Brasil¹⁴. Embora os materiais já estivessem crescendo em quantidade, ainda não havia encontrado o que eu queria de forma direta. Pois queria materiais que trabalhassem diretamente com as possibilidades e questões da temática indígena nas salas de aula das séries finais do ensino fundamental. Após mais um tempo de pesquisa encontrei o canal Vídeo nas aldeias¹⁵. Que correspondia, de certa forma aquilo que eu buscava, pois consiste em vídeos produzidos por cineastas indígenas, com o objetivo de atingir um público infanto juvenil.

A partir dessa pesquisa inicial desenvolvi, juntamente aos alunos (do sétimo ano) no ano de 2016 da escola estadual (E.E.E.M. José Maurício)¹⁶ uma atividade de aula em que as pesquisas que eles deveriam fazer sobre os povos indígenas do Brasil, dessa vez incluiria o uso do youtube como fonte, pedindo para que eles indicassem e fizessem a resenha de, ao menos, um vídeo que encontrassem sobre a temática. Não mostrei possibilidades de canais para serem utilizados.

Os alunos encontraram, basicamente os mesmos materiais que eu havia visto na pesquisa preliminar. Contudo, no final do trabalho percebi que eles haviam dado preferência aos materiais produzidos para documentários. Quando indaguei o motivo eles responderam que aquele formato era o que eles esperavam que se cobraria na escola, pois, alguns destes documentários estavam citados no livro didático utilizado naquele ano.

A partir desta experiência inicial comecei a pensar nas possibilidades de trabalho sobre o tema com o uso dos vídeos. No entanto, sem contribuir apenas para a difusão entre os alunos da linguagem dos documentários, e que pudesse fazer o que essa ferramenta permite, que é, entrar em contato com material multimídia produzido, das mais variadas formas, desde muito simples, com apenas uma câmera, até produções quase cinematográficas. Além de permitir a autoria e

¹² <https://www.youtube.com/channel/UCNU0NmJmOq58b28TQTXp-xg>

¹³ <https://www.youtube.com/channel/UCSv9d0kQegyIHWpP83jWSQg>

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=bFOoK5ddJRC>

¹⁵ <https://www.youtube.com/channel/UCPO8MqU6CALiikE80j8RH-g>

¹⁶ Naquele momento não trabalhava ainda na escola municipal de Gravataí.

dar voz e movimento a diversos grupos. Ou seja, seria a criação de uma possibilidade quase direta de contato com o interlocutor. Visto que, no cotidiano escolar, nem sempre são possíveis as realizações de saídas de campo.

Após o início do ano letivo de 2017, já com esta perspectiva de trabalho em amadurecimento, percebi que numa das escolas que trabalhava naquele momento, haviam chegado alguns livros do PNBE, dentre vários temas, como cidadania, também encontravam-se obras com a temática das relações étnico-raciais no Brasil. Me chamou a atenção as temáticas indígenas, agora sim, disponíveis e inesgotáveis, nas minhas mãos, na própria escola.

3.2 Conhecendo outras realidades

Inicialmente imaginei que a troca de escolas no início do ano de 2017 iria atrapalhar o desenvolvimento do trabalho, visto que eu ainda não conhecia a realidade do novo local. Contudo, ao observar a realidade, e fazer a sondagem sobre o acesso a internet entre os alunos percebi que seria possível, até com mais possibilidades.

Além da disponibilidade maior de acesso a internet, na escola municipal encontrei uma prática de saídas de campo e viagens de estudos com certa frequência, organizadas pela instituição no calendário anual de atividades. Uma dessas saídas, logo no início do ano, foi realizada para uma comunidade indígena localizada em Viamão-RS.

Ao serem comunicados da localidade e dos objetivos da atividade, os alunos das séries finais não ficaram muito empolgados¹⁷, pois, já haviam feito uma saída de campo no ano anterior para uma outra localidade, e nas palavras deles, as pessoas que eles haviam conhecido não eram índios, pois além de morar em casas possuíam carros, celulares e demais comodidades da vida moderna. Demorei bastante tempo para convencê-los de que era uma saída que valia a pena e que

¹⁷ A saída de campo não determinava turmas específicas para irem na atividade, tanto alunos das séries iniciais poderiam participar quanto das séries finais. A grande maioria que foi era composta por alunos das séries iniciais.

pensaríamos essas questões no retorno da atividade. E consegui apenas depois de insistir na importância de conhecer diversas realidades para pensar a sociedade contemporânea, além da possibilidade de fazer um trabalho posterior valendo uma grande parcela da nota do trimestre.

Ao entrar no ônibus os comentários de curiosidade das crianças menores se confundiam com as conversas aleatórias dos mais velhos. Para alguns dos alunos das séries iniciais parecia que estávamos nos dirigindo para uma expedição longínqua no tempo e no espaço.

Para os estudantes do sétimo ano, apesar dos pedidos insistentes, apenas uma pequena parcela da turma participou desta viagem de estudos. Após a execução das atividades realizadas a partir desta atividade de saída de campo e estudos, eles disseram que esperavam que tudo fosse feito da mesma forma que havia sido no ano anterior. Não houve nenhuma preparação prévia visto que a saída já estava pronta pra ser realizada antes mesmo de eu entrar na escola, e ocorreu uma semana após eu assumir a vaga, então não teve tempo hábil de pensar em preparação, apenas trabalhos posteriores.

Quando chegamos no local, percebi que os alunos já me olhavam desconfiados, pois viram casas, carros e celulares. Mas aos poucos foram se integrando às atividades preparadas para aquele dia, como conhecer a comunidade, a escola, os artesanatos, observar e participar de uma atividade cultural em um espaço amplo que havia na frente da escola. A desconfiança e a busca pelo exótico parecia que foi lentamente se dissipando.

Ao retornar para a escola, os alunos que foram fizeram um relato para a turma, e a partir do título e de um trecho do livro do Spensy Pimentel: *O índio que mora na nossa cabeça: sobre a dificuldade para entender os povos indígenas*. Aos poucos o espaço e as formas de pensar os povos indígenas presos ao passado colonial, pelo menos para parte dessa turma, passou a ser alterada aos poucos.

Como observado em minha experiência em sala de aula, quando o tema é tratado, as primeiras observações feitas por alunos vão ao encontro a uma visão que busca o exótico, aquilo que é diferente, reforçado principalmente, pelo senso comum, então, não foi estranho que, quando os estudantes esperavam ver, na saída de campo, o índio do período colonial, estagnado e fechado em um tempo antigo.

Por isso a obra citada anteriormente, (PIMENTEL, Spensy) foi um achado importante para as reflexões do trabalho do tema em sala de aula. Pois, os indígenas retratados por alunos de sétimo ano em minhas aulas até esse momento tem relação direta com o título da obra: “O índio em nossa cabeça(...)”. Nessa obra o autor, antropólogo, apresenta os caminhos da antropologia, contrastando com notícias e questões relacionadas a realidades contemporâneas dos povos originários, segundo Pimentel:

Entretanto, ainda percebemos que os principais obstáculos para os brasileiros não indígenas possam compreender melhor o que têm a dizer os brasileiros indígenas continua sendo o que está em nossas próprias cabeças: uma série de preconceitos ou idealizações a respeito do que são os povos indígenas, que ainda nos impede de obter um melhor entendimento sobre o que o diálogo com eles poderia nos ensinar. (PIMENTEL, Spensy, p.8, 2012)

Ou seja, assim como, percebe o autor, há falta de compreensão dos brasileiros não-indígenas sobre as possibilidades que o diálogo poderia nos ensinar. Pois, segundo o mesmo autor:

(...) Mas o que nós, antropólogos, temos observado é que os maiores obstáculos que os brasileiros enfrentam para entender os índios não estão naquilo que eles não sabem, e sim naquilo que pensam que sabem sobre índios. (Ibid, 11)

As observações feitas por Pimentel, encontram problemas que, presentes na sociedade, mostram também seu espaço na sala de aula, por meio de falas preconceituosas, ou por colocar a importância do tema em um segundo plano em relação aos demais presentes no currículo. Isso é algo passível de ser percebido durante as aulas de história para grande parte das turmas quando esse tema é abordado.

Outra obra que encontrei na biblioteca da escola, proveniente do mesmo fundo, e que trata do tema de forma muito interessante é o livro : *Povos Indígenas e educação* organizado por Maria Aparecida Bergamaschi, Maria Isabel Habckost Dalla Zen e Maria Luisa Merino de Freitas Xavier, que traz uma série de artigos sobre o tema. Já na apresentação as organizadoras, assim como Spensy Pimentel,

associam a produção do livro com a Lei 11.645/08 e seu funcionamento no cotidiano escolar:

Este livro oferece aos leitores importantes discussões acerca de diferentes dimensões que caracterizam história e cultura dos povos indígenas. Importantes essas discussões por que motivos? Em primeiro lugar, por remeterem a ancestralidade meio (ou quase) invisíveis nos espaços educacionais, dentre outras esferas sociais. Em segundo lugar, porque os escritos aqui publicados colaboram de forma intrigante para a efetivação da Lei nº 11645, de 10 de março de 2008, que altera o artigo 26 A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, instituindo a obrigatoriedade do estudo de história e cultura indígena nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, públicos e privados. (XAVIER, DALLA ZEN, 2012, p.05)

Foi muito bom perceber que a partir de uma simples busca na biblioteca da escola foi possível encontrar livros que trouxessem as reflexões que teriam tornado as primeiras experiências com o tema menos falhas e com objetivos mais diretos. O que foi possível apenas nos primeiros meses do corrente ano, quando essas obras chegaram nas escolas em que eu trabalho.

Os objetivos das primeiras atividades sobre o tema, estavam vinculados as questões de respeito e reconhecimento das diversidades existentes no Brasil, não só como etnias, mas também com práticas sociais, religiosidade e formas de conhecimento, que embora não sejam reconhecidas como ciência, também tem suas formas de relacionamento com o tempo e o espaço.

Visto que um dos principais objetivos é o reconhecimento da existência e da validade desses conhecimentos, ou seja, como interlocutor legítimo¹⁸ para trocas e compreensões do outro em seu espaço. Como, na escola, as visões que percebi, e como afirma Bergamaschi são estereotipadas, sendo inclusive o termo índio utilizado de forma pejorativa, podem oscilar entre as concepções de um indígena puro (o que levou meus alunos a reclamarem da saída de campo do ano anterior foi

¹⁸ Segundo Bergamaschi, na introdução do Livro Povos Indígenas e Educação, intitulada Povos indígenas: conhecer para respeitar : É uma obra que possibilita o diálogo étnico cultural, cuja condição básica para que se concretize é o reconhecimento do outro com interlocutor legítimo, embasando a interação no respeito a esse outro com qual nos dispomos a dialogar. O respeito aos povos indígenas supõe conhecê-los, a fim de reconhecê-los nos seus modos de viver. (BERGAMASCHI in, 2012 p. 7)

a ideia de que as pessoas que eles conheceram eram índios, pois moravam em casas, possuíam automóveis e celulares) e o índio bárbaro, preguiçoso.

(...) Contudo, como resultado dos movimentos empreendidos pelos povos indígenas, evidencia-se, na atualidade, uma concepção mais condizente com a vontade dos povos originários do nosso país: do indígena como sujeito da história, como sujeito que continua sendo indígena e compartilha com os demais brasileiros o direito de ser e estar na sua "Terra Brasilis". (BERGAMASCHI, 2012, p.7)

Enfim, a percepção de que os indígenas possuiriam em pleno século XXI a mesma forma de viver que os povos que aqui estavam durante a colonização, já é motivo para realizar atividades e reflexões sobre as visões do outro com os estudantes. Visto que discursos que negam as identidades étnicas a partir de uma busca essencialista escondem desejos de exclusão e abrem espaço para discursos homogeneizantes. Para Silva, chegou a hora de dar visibilidade e enxergar as multiplicidades e a diversidade étnica presente no Brasil, visto que existem mais de duzentas formas de viver e compreender o mundo e o papel de pensar as fronteiras desses mundos distintos não deve estar apenas nas escolas indígenas, mas também nos espaços escolares não indígenas:

Não apenas a escola indígena pode ser vista como uma fronteira entre dois ou mais distintos mundos, mas a própria instituição escolar não indígena pode se abrir para os outros, promovendo o respeito pelas diferenças. Afinal, o diálogo intercultural ocorre precisamente nesse encontro/desencontro/confronto entre ideias e lógicas de pensamento distintas, porém não necessariamente excludentes. (SILVA, 2017p. 59)

3.3 Semeando e recolhendo

Diante do caminho já percorrido e já adaptado com a realidade da Escola Municipal São Marcos, continuei a pesquisa com a aplicação das questões que foram entregues aos alunos desta escola na primeira semana de outubro de 2017. As questões foram recebidas com certa estranheza, mesmo com todos os comunicados anteriores sobre o desenvolvimento da atividade. Ao entregar pude observar que já possuíam familiaridade com a forma de escrita das questões.

Todas as perguntas foram lidas conjuntamente, sendo comentadas e esclarecidas as dúvidas que apareceram. Duas dúvidas merecem destaque. Na primeira, uma aluna perguntou se iríamos fazer novamente a saída de campo do início do ano e comentou que havia gostado pois não sabia que “estavam tão próximos de nós”. Na segunda dúvida, um estudante que queria saber se precisariam lembrar a data das notícias que poderiam ter visto que envolvessem povos indígenas e afirmou que poderia indicar os links, se ele achasse na internet, respondi positivamente, mas não obtive nenhuma indicação posterior àquela aula.

Ao começarem as respostas foi perceptível a convivência escolar de anos anteriores que eles possuem, pois, tentavam lembrar de outros trabalhos realizados, principalmente nas séries iniciais¹⁹. Surgiram lembranças de apresentações, de colegas vestidos de índios, de músicas infantis. Contudo, os eventos que prevaleceram nos comentários dos estudantes foram as duas saídas de campo que os levaram para locais de comunidades indígenas. Como já citado anteriormente, a primeira quando estavam no sexto ano, dominada por imagens de indígenas usando carros e celulares, na qual aconteceu o rompimento com a imagem essencialista. E a segunda ocorrida no primeiro semestre do ano de 2017, com visita à escola da comunidade, o que gerou menos espanto.

Apesar dos questionamentos levantados sobre as perguntas a serem respondidas, a parte que mais suscitou dúvidas foi em relação ao youtube, a grande ânsia era começar logo com a pesquisa, sem ter que passar por essa etapa. Foram mais de 20 comentários e indagações sobre as datas de início e entrega, do tempo que teriam para realizar. Acontecimentos normais para um início de trabalhos e atividades que envolvam algo que eles consideram como diferente do cotidiano escolar. Alguns estudantes perguntaram se deveriam lembrar todos os documentários que assistiram na escola, inclusive pediram para que eu fosse até a biblioteca e mostraram alguns livros que haviam sido trabalhados nas séries iniciais (quinto ano, segundo os estudantes) e um documentário que assistiram sobre os povos nativos do Brasil.

Enfim, por mais estranhamentos e questionamentos que as perguntas causaram elas foram respondidas em quase exatos trinta minutos, e o tamanho das

¹⁹ Como é uma escola que encontra-se em uma região mais isolada do centro urbano, grande parte dos alunos dessa turma se conhecem desde os primeiros anos do ensino fundamental.

respostas variavam de acordo com cada aluno e sua memória. Uma das poucas características comuns a todas as respostas, além da lembrança das saídas de campo, foi citar as atividades do dia do índio, seja de forma oral quando comentava com os colegas, ou escrita nas respostas. Dos 23 alunos matriculados, apenas 17 compareceram nesse dia.

E.M.E.F. SÃO MARCOS	
Quais são os povos nativos do Brasil?	Dois optaram por utilizar povos indígenas; Três alunos usaram o termo índio; Doze citaram o tronco linguístico Tupi-guarani; Apenas um citou etnias.
Quando foi a última vez que estudou os povos indígenas do Brasil	Dois alunos lembraram do 7º ano; Cinco lembraram do 6º ano; Dez alunos lembraram do 5º ano.
Você conhece pessoas que se identificam como indígenas?	Sete alunos responderam conheciam; Dez responderam que não conheciam ninguém.
Quando foi a última vez que viu/assistiu algum programa de televisão que mostrasse questões relacionadas aos povos indígenas?	Um aluno lembrou de um documentário; Dezesseis alunos responderam que não lembravam.
Você assistiu alguma notícia em telejornais que envolvesse povos indígenas?	Seis alunos responderam que não; Onze alunos afirmaram que sim.
Você sabe quantas culturas indígenas existiram no Brasil e quantos existem hoje?	Dezessete alunos citaram no mínimo duas etnias.
Você já fez algum trabalho escolar sobre os povos indígenas? O que você realizou? Qual era a proposta?	Um aluno respondeu que não; Dezesseis alunos responderam que sim.
Você já realizou alguma pesquisa (sem ser na escola) sobre os povos indígenas? O que te levou a pesquisar? Quais meios e termos utilizou para fazer a pesquisa?	Um aluno respondeu que sim; Dezesseis alunos responderam que não.

Na primeira questão, que era: *Quais são os povos nativos do Brasil?* As respostas variaram pouco, apenas três estudantes responderam utilizando o termo *índio*, e dois usando *povos indígenas*. Os demais responderam utilizando os nomes de povos como Guaranis, Kaingang, Tapajós. Apenas um estudante escreveu o tronco linguístico Tupi-Guarani como referência a apenas uma etnia. Os três povos

que predominaram nas respostas, depois observei, foram: os dois que estavam nas saídas de campo, Kaingang no sexto ano (2016), segundo relatos, e Guarani no sétimo (2017). Já a referência aos Tapajós, quando indagados de onde conheciam, responderam que era de um texto que haviam lido com a professora de geografia.

Na segunda questão, que indagava quando eles haviam estudado os povos indígenas do Brasil. As respostas variavam de lembranças do quinto ao sétimo ano. Dos dezessete alunos, dez deles lembraram do quinto ano como referência de série em que estudaram os povos indígenas, outros cinco, colocaram o sexto ano também, e apenas dois lembraram que no ano de 2017 também foi estudado. Quando perguntei sobre porque não haviam colocado o ano de 2017, a resposta unânime foi o de que não havia acabado ainda. O que pareceu intrigante nessa questão, foi o fato de nenhum deles ter lembrado das saídas de campo como formas de estudo, tanto a do presente ano, quanto a do ano anterior.

Na terceira questão, que perguntava se eles conheciam alguém que se identificasse como indígena, dez responderam que não conheciam ninguém, enquanto os demais colocaram que sim, e complementaram com informações (grau de parentesco, localidade) sobre a pessoa. Um desses sete alunos identificou uma avó materna, cinco dos demais identificaram um colega da mesma turma como, enquanto esse indivíduo se auto identificou. Quando perguntado sobre, ele disse que possui todas as características físicas, e que embora não viva em comunidades nem saiba nenhuma língua ele considera-se sim descendentes de indígenas.

A quarta questão, indaga quando foi a última vez que assistiu algum programa de televisão que mostrasse algo relacionado aos povos indígenas, nessa pergunta, apenas um aluno lembrou que havia assistido a um documentário, no entanto, não recordava o título, nem quando foi. A próxima questão perguntava se haviam assistido alguma notícia em telejornais que envolvesse os povos indígenas. A resposta desta questão foi positiva para onze alunos, no entanto, apenas dois lembraram para especificar como era a reportagem que haviam assistido, um deles escreveu: “quando os índios invadem terras”, enquanto o outro afirmou que havia visto uma reportagem sobre os costumes indígenas durante os Jogos mundiais dos povos indígenas e aquilo havia lhe marcado pois, até aquele momento, não sabia que (nas palavras do aluno): *existiam povos indígenas em outros lugares do mundo.*

A sexta pergunta só poderia confirmar algo que já foi visto nas respostas da primeira, ela indagava se eles sabiam quantas culturas e línguas indígenas existiram e quantas existem atualmente no Brasil. A relação com a outra questão ocorre, pois foi perceptível que eles sabem da existência de uma diversidade étnica, contudo, conhecem apenas algumas que foram mais icônicas em sua formação. No entanto, a questão número seis demonstrou que eles sabem de uma diminuição drástica nos números desde o Brasil colônia (conteúdo curricular presente no sétimo ano), mas ignoram alguns dados mais recentes, já trabalhados em sala (antes da saída de campo) de que nos últimos anos o número de pessoas que se identificam como indígenas, e a quantidade de falantes de línguas nativas tem aumentado (Spensy, Pimentel).

Na sétima pergunta, que há o questionamento se eles já fizeram algum trabalho sobre os povos indígenas, qual foi e qual era a proposta. A resposta foi positiva para quase todos os questionários. Contudo, as atividades mais lembradas foram as de pinturas e provas do quinto ano que, segundo uma aluna: “perguntavam como eles viviam, sua cultura”. Nesta questão houve uma identificação maior com as saídas de campo como atividade da escola, embora não tenham sido citados os roteiros, observações e fotos que tiveram que fazer como uma atividade escolar.

Na oitava e última questão, a resposta foi, majoritariamente negativa, com apenas uma exceção. Por experiência era o resultado esperado. Visto que ela perguntava se eles já haviam realizado alguma pesquisa por conta própria sobre os povos indígenas, e questionava ainda o que poderia ter levado à pesquisa e quais os termos e meios que utilizaram. A exceção afirmativa dessa pergunta ficou por conta de uma curiosidade, pois, o aluno que respondeu sim, pesquisou sobre um avião da FUNAI que foi atingido por flechas quando sobrevoava uma região remota da Amazônia. Ou seja, a única resposta positiva foi realizada por causa de uma curiosidade e, pelo observado não levou a mais nenhuma indagação a não ser a própria curiosidade sobre o que é considerado exótico.

Conforme observado nas respostas desses estudantes, os povos indígenas ocuparam apenas um espaço durante os primeiros anos de estudo na escola. O que os levou a reconhecer a existência de uma diversidade étnica indígena no território brasileiro. Contudo, a forma de perceber o outro como povos “primitivos” que, para

manter sua identidade, ainda devem manter-se em locais isolados e viver como seus antepassados. As notícias lembradas sobre os povos indígenas foram, em sua maioria, sobre reportagens de conflitos de terras. As respostas que mais ocorreram neste caso foram: “quando índios invadem terras”. Ou seja, a localização dessa população, parece permanecer no passado, segundo Quijano:

que nessa qualidade, a Europa e os europeus eram o momento e o nível mais avançados no caminho linear, unidireccional e contínuo da espécie. Consolidou-se assim, juntamente com essa ideia, outro dos núcleos principais da colonialidade/modernidade eurocêntrica: uma concepção de humanidade segundo a qual a população do mundo se diferenciava em inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos. (Quijano, 2009 p.75)

As experiências escolares anteriores, inclusive a saída de campo do ano anterior, revelaram-se falhas em relação ao pensar a diversidade de nossa sociedade e dos modos de vida. Ao mesmo tempo em que alguns indivíduos identificaram um passado familiar e um dos estudantes se identificou como indígena, o critério utilizado foi o de características físicas. Por conseguinte, percebe-se que para eles essa diversidade pode ser destacada e considerada diferente apenas por características físicas e exóticas, deixando de lado toda uma parcela importante de questões culturais e de identificação e pertencimentos coletivos.

O processo sofrido por essas populações desde o período colonial, de divisão da sociedade em raças, a partir de características fenotípicas, foi uma forma de dominação utilizada pelos colonizadores europeus para hierarquizar a sociedade. As relações de dominação ocorridas durante esse período ainda leva os indivíduos a pensarem de forma eurocentrada:

A ‘racialização’ das relações de poder entre as novas identidades sociais e geoculturais foi o sustento e a referência legitimadora fundamental do carácter eurocentrado do padrão de poder, material e intersubjectivo. Ou seja, da sua colonialidade. Converteu-se, assim, no mais específico dos elementos do padrão mundial do poder capitalista eurocentrado e colonial/moderno e atravessou -invadindo – cada uma das áreas da existência social do padrão de poder mundial, eurocentrado, colonial/moderno. (Quijano,2009, p.107)

Ou seja, há elementos de colonialidade presentes não só nas respostas dos estudantes, mas também nos comentários das demais pessoas que os acompanharam nas saídas para as comunidades indígenas. Numa delas não estive presente visto que ainda não trabalhava na escola, mas a que eu presenciei, percebi diversos comentários que deviam servir de reflexão sobre o modo de não pensar o outro.

3.4 Realidades distintas

Na escola Estadual, a situação apresentou divergências, que podem ser pensadas a partir de diferenças básicas, como a localização. A escola José Maurício fica numa região mais central na cidade, além de atender a um número maior de alunos. No ano de 2017, possuía três turmas de sétimo ano, com mais de trinta alunos matriculados cada. Nestas turmas as reações às questões foram diferentes em cada uma das salas. Conjuntamente, as três turmas foram 82 questionários respondidos, o número foi menor do que a quantidade de matriculados devido aos alunos infrequentes e faltantes do dia que foi aplicado o questionário.

Na primeira turma (que foi a que classificarei como 73) as questões foram realizadas sem maiores dúvidas, apenas com alguns comentários, sobre o que eles lembravam ou não de conteúdo, ou filmes. Já na segunda turma, 72, as perguntas foram constantes, e possuíam tons muito parecidos com as questões da escola do município, no entanto, com uma particularidade, uma das alunas havia visitado uma comunidade indígena (ela não lembrava do local) com sua avó, e passou a relatar para turma toda sua experiência. Alguns escutaram atentamente e, provavelmente isso teve algumas influências nas respostas como veremos logo em seguida. A última turma a responder foi a 71, na qual a atividade foi posta em prática em um último período de sexta feira em um retorno de greve, pois era o único período que consegui para aplicar ainda naquela semana. Contudo, conseguiram responder sem maiores problemas, embora suas respostas tenham ficado substancialmente mais curtas que as duas demais turmas.

E.E.E.M. JOSÉ MAURÍCIO	
Quais são os povos nativos do Brasil?	Um aluno citou etnias; Um citou o tronco linguístico Tupi-Guarani; Sessenta e oito utilizaram o termo indígena.
Quando foi a última vez que estudou os povos indígenas do Brasil?	Três alunos lembraram do 5º ano; Sessenta e sete lembraram de atividades e textos no caderno do 7º ano.
Você conhece pessoas que se identificam como indígenas?	Um aluno visitou uma comunidade; Quatro disseram ter ascendência indígena; Sessenta e cinco disseram não conhecer ninguém.
Quando foi a última vez que viu/assistiu algum programa de televisão que mostrasse questões relacionadas aos povos indígenas?	Dois responderam que não viram programas com esse tema; Sessenta e oito responderam que viram.
Você assistiu alguma notícia em telejornais que envolvesse povos indígenas?	Trinta e Três responderam que não. Trinta e sete responderam que sim;
Você sabe quantas culturas indígenas existiram no Brasil e quantos existem hoje?	Vinte afirmaram que não sabiam; Cinquenta citaram etnias.
Você já fez algum trabalho escolar sobre os povos indígenas? O que você realizou? Qual era a proposta?	Dezenove recordavam ter realizado trabalhos sobre o tema; Cinquenta e um não recordavam.
Você já realizou alguma pesquisa (sem ser na escola) sobre os povos indígenas? O que te levou a pesquisar? Quais meios e termos utilizou para fazer a pesquisa?	Dez apenas afirmaram que sim; Sessenta afirmaram que não.

As respostas das três turmas serão comentadas conjuntamente, distinguindo-as apenas quando houver algo a ser destacado. Na primeira questão, que perguntava quais são os povos do Brasil, houve apenas uma resposta, das três turmas, que deu exemplos de povos e não respondeu apenas como indígenas, e outro que respondeu com o exemplo do tronco linguístico Tupi Guarani.

No segundo questionamento, sobre a última vez que haviam estudado os povos indígenas, apareceram datas de caderno com atividades passadas durante o

período letivo em andamento, com destaques sobre ter sido apenas nas aulas de história. Não teve menção ao sexto ano, e apenas três responderam que haviam estudado no quinto ano, de forma não coincidente esses alunos estudam juntos desde o início do ensino fundamental.

Na questão que indagava se eles conheciam alguém que se identificasse como indígena, as respostas positivas a essa pergunta, que foram apenas quatro, voltaram-se para familiares ascendentes como avós e bisavós. Os demais responderam que não conheciam ninguém que se identificasse, apenas uma aluna comentou que conhecera uma comunidade indígena e conhecia pessoas que lá viviam.

Na quarta pergunta, que era quando havia assistido algum programa de televisão que mostrasse questões relacionadas aos povos indígenas, nesse praticamente todas as respostas foram positivas, no entanto, no momento de complementar a resposta com detalhes sobre o programa, quase todos não lembravam, apenas três descreveram parcialmente do que se tratava aquilo que haviam assistido. Um deles relatou um programa que: “mostravam como eles viviam na mata”, enquanto o segundo, lembrou apenas o nome do programa que passou, e o terceiro viu uma reportagem em que, segundo ele: “que os índios voltaram para Porto Alegre”.

Na quinta questão, que perguntava se eles já haviam visto alguma notícia em telejornais que mostrassem questões sobre os povos indígenas, 33 responderam que nunca tinham visto nenhuma notícia, os outros 37 responderam que sim, desses apenas três descreveram do que se tratavam as notícias, um escreveu que era de “índios fazendo protesto”, a outra era de uma notícia de um conflito, o estudante escreveu: “Sim, que os índios cometeram assassinatos há alguns meses”. E o terceiro lembrava de um protesto realizada por povos indígenas em Porto Alegre.

As respostas para essas questões apresentam possibilidades de se pensar, como e quando os povos indígenas são vistos pelos estudantes antes da sala de aula. Mesmo em tempos de conflitos e notícias constantes, o que chama atenção daqueles que assistiram foram os fatos que envolviam violência, não os problemas ocasionados pelas ocupações da terra. Mas as mobilizações para as demarcações. Para Quijano:

No capitalismo eurocentrado, é sobre a base da 'naturalização' da colonialidade do poder que a cultura universal foi e continua a ser impregnada de mitologia e de mistificação na elaboração de fenômenos da realidade. A lealdade 'racial' dos 'brancos' perante as outras 'raças', serviu como pedra angular da lealdade, inclusive 'nacional', dos explorados e dominados 'brancos' em relação aos seus exploradores em todo o mundo e, em primeiro lugar, no 'eurocentro'. (QUIJANO, 2009, p.112)

O trecho citando anteriormente conecta-se as respostas da próxima pergunta, pois quando foram indagados se sabiam quantas culturas indígenas existiam no Brasil, e quantas existem hoje, demonstraram ter noção de que o número de línguas faladas e culturas diminuíram, no entanto, 20 questionários apresentaram respostas negativas para essa questão, dizendo que não sabiam nem se haviam diminuído, nem quantas existem/existiam. Ou seja, não havia sido lhes apresentado a existência de uma diversidade étnica indígena no território brasileiro, dado que pode ser considerado básico, não só para estudar as relações sociais presentes no território nacional, mas também para refletir como a racialização da população que homogeneizou esses povos os deslocou para a periferia do sistema mundo com um centro na cultura europeia.

A sétima questão, que indagou se já fizeram trabalhos escolares sobre o tema e o que foi feito, bem como qual era a proposta, revelou que dezenove responderam positivamente, dizendo que já haviam feito atividades tratando do tema, contudo treze deles não lembravam qual era a proposta. Enquanto seis restantes, um lembrava de ter realizado uma maquete sobre o tema, outros dois lembravam de pesquisas sobre as práticas religiosas que foram feitas quando eles estavam no sexto ano pela professora de ensino religioso. Outros três lembraram de uma pesquisa que fizeram no sexto ano sobre, segundo eles: "culturas indígenas" (pelas indagações que lhes fiz depois, eles estavam falando de um trabalho que pesquisaram diferentes costumes e práticas, a partir dos relatos é perceptível que buscaram a partir do dado do exótico). Os demais não recordavam ter realizado trabalhos escolares sobre o tema.

Na última questão, pesquisas em ambientes não escolar e por interesse próprio, a maioria das respostas foi negativa. Dos setenta questionários recolhidos sessenta nunca pesquisaram sem objetivos escolares. Enquanto, entre os dez restantes, apenas quatro especificaram os motivos que lhes levaram a buscar. Dois,

afirmaram que pesquisaram para: “conhecer mais de uma cultura indígena”. Outro ainda buscou após ter assistido a um programa de televisão que mostrava uma tribo, na qual as pessoas usavam um adorno de osso no queixo, como isso lhe deixou curioso, pesquisou sobre onde essa prática ainda era realizada atualmente. O último realizou uma busca após assistir uma reportagem sobre o uso da internet em aldeias.

Enfim, a aplicação destas questões nas turmas que realizei a prática, me mostrou as diferenças entre as escolas em relação a um mesmo tema. Além das diferenças de calendário no momento da aplicação, visto que ocorreu a greve dos professores do estado do Rio Grande do Sul, ficou perceptível a diferenças nas no trato com o tema por diferentes professores.

Enquanto na escola municipal, os alunos já identificavam os povos nativos do Brasil por nomações de povos variados. Na escola estadual, a nomação índio ou indígena ainda representa a maioria das respostas dos alunos. Além disso, é possível reconhecer que, não é um tema que chama atenção, de modo geral, dos estudantes. Apenas as manchetes mais impactantes foram lembradas. Fora da escola, a invisibilidade da população indígena ainda ocorre mesmo tendo estudado sobre o tema em sala, se não for ligado à questões consideradas exóticas, não chama o interesse desse determinado grupo de estudantes.

Também ficou claro, a partir das respostas, que para os estudantes a categoria índio engloba e é reconhecida por todas as etnias. Há a possibilidade disso ocorrer devido ao contato com as notícias de mobilizações de povos indígenas que, podem reforçar elementos de colonialidade na forma de encarar o outro dos alunos. Entretanto, o reconhecimento de uma agência e luta dos povos nativos por seus direitos (não só no Brasil) pode ser aproveitado pelo professor como uma forma de identificar agência presente de culturas e etnias que não estavam invisíveis, foram invisibilizadas pela colonização.

A solução apresentada pelos autores ao utilizar o autor Eduardo Viveiros de Castro como solução para os problemas da história eurocentrada em relação aos povos indígenas, seria uma abordagem interdisciplinar que reflita as relações entre a etnografia, antropologia e história, poderia ser utilizada também em sala. A história escolar não pode carregar sozinha a responsabilidade dos temas tratados,

principalmente, com as ligações que possuem no presente, tendo em vista as necessidades desses grupos dentro da sociedade contemporânea.

Para que haja a compreensão, é necessário também o estudo da historiografia da construção da identidade nacional e dos elementos da colonialidade para que os estudantes possam interpretar a realidade a partir de uma perspectiva própria que leve em conta as particularidades das mais variadas identidades na sociedade.

Por fim, há uma gama de informações esparsas sobre os povos nativos da América no imaginário desse grupo, nas duas realidades observadas, fica aparente a ligação com os conteúdos das séries iniciais e tema, além de não perceberem e não terem utilizado como exemplo as civilizações pré-colombianas estudadas no sexto ano do ensino fundamental como povos indígenas.

A visão essencialista e estereotipada dos povos indígenas mantém-se de forma marcante nas turmas que não realizaram nenhuma saída de campo, nem tiveram contato com estas realidades. Para Quijano, as sociedades que passaram pelo processo de colonização e que esse implicou na destruição das estruturas sociais, das sociedades ali presentes, foram despojadas dos saberes e meios de expressão. Foram reduzidos à condição de indivíduos rurais e iletrados (Quijano, p.37). Ao longo do tempo a percepção de mundo eurocentrada foi tornando-se hegemônica no modo de produção de conhecimento e no próprio imaginário do colonizado. Percebe-se Isso, de forma bem saliente, nas respostas dos estudantes.

Contudo, escutar quem sempre teve voz, mas pouca audiência em sala de aula pode apresentar problemas logísticos complicados devido a realidade escolar contemporânea. Então, como os vídeos e o próprio Youtube estão no cotidiano dos alunos e podem apresentar materiais produzidos para pensar a diversidade presente na sociedade brasileira de forma a repensar os elementos de colonialidade presentes em nosso cotidiano, será possível realizar esse contato e fazer essas reflexões a partir de produções audiovisuais?

4 RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NO CURRÍCULO ESCOLAR

4.1 Colonialidade e o ensino para as relações étnico raciais

Há muitas variáveis coexistindo quando pensamos o ensino para as relações étnico raciais em nossa sociedade contemporânea. As diversas formações pessoais e profissionais que se encontram e debatem no sentido de pensar uma sociedade inclusiva que preserve e respeite as mais diversas identidades presentes no cotidiano, seja por meio de contato físico, seja por contato virtual por meio da internet ou noticiários.

Partindo de experiências de sala de aula pode-se pensar nas influências que os estudantes possuem e que vão além do local escolar, trazendo consigo uma bagagem que, muitas vezes, reforça estereótipos e preconceitos existentes na sociedade. Quando essas ideias não são difundidas e mantidas no próprio ambiente escolar. Então ao mesmo tempo em que trabalhamos em sala de aula com temáticas que dizem respeito a presença de povos nativos da América antes da chegada dos europeus e seus costumes, as relações e ações de resistência, os jornais noticiam disputas pela posse de terras, ações para garantir ou conquistar direitos realizadas a partir de necessidades do presente.

A grande enxurrada de informações que atingem os estudantes atualmente também trazem em sua corrente, questões pertinentes aos indígenas no presente e que se não forem cuidadosamente estudadas, pensadas e conhecidas podem apenas reforçar estereótipos. Provenientes da dominação da formação eurocentrada que ocorreu na América, para Quijano (2005), as relações sociais americanas, ao mesmo tempo que produziu identidades novas, redefiniu outras, mas com uma marcação racial, como: índios, negros, mestiços, europeus. E dentre essas identidades também houve relações hierárquicas: “Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social

básica da população”. (Quijano 2005, p.) Marcas essas presentes e perceptíveis atualmente no cotidiano escolar.

A ideia inicial para o trabalho que resultou na construção desta dissertação, surgiu a partir dos questionamentos de uma aluna em sala de aula, que, apesar de ter estudado em anos anteriores sobre a temática, ao deparar-se, durante um passeio, com indígenas, não conseguiu pensá-los como presentes em uma sociedade contemporânea, como se os povos estudados estivessem presos a um local que não havia ultrapassado uma barreira temporal e geográfica longínqua.

Os frutos de modos de pensar eurocentrados, seguindo a dominação das formas de compreender o mundo e os espaços, são o centro de uma escola repeditora de pensadores ocidentais nos trópicos. Os quais, em trezentos anos após os contatos, os povos ameríndios, com toda sua diversidade de línguas, crenças, memórias, e identidades, acabaram reduzidos a apenas uma identidade, que passou a ser utilizada em praticamente toda a América para Quijano:

Esse resultado da história do poder colonial teve duas implicações decisivas. A primeira é óbvia: todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas. A segunda é, talvez, menos óbvia, mas não é menos decisiva: sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. Daí em diante não seriam nada mais que raças inferiores, capazes somente de produzir culturas inferiores. Implicava também sua realocização no novo tempo histórico constituído com a América primeiro e com a Europa depois: desse momento em diante passaram a ser o passado. Em outras palavras, o padrão de poder baseado na colonialidade implicava também um padrão cognitivo, uma nova perspectiva de conhecimento dentro da qual o não-europeu era o passado e desse modo inferior, sempre primitivo. (Quijano, 2005 p117)

Esse paradigma nos impõe hoje uma série de questionamentos que versam sobre as possibilidades de escutar vozes que foram marginalizadas pela colonialidade: Para Quijano, existem alguns elementos importantes do eurocentrismo:

O confronto entre a experiência histórica e a perspectiva eurocêntrica de conhecimento permite apontar alguns dos elementos mais importantes do eurocentrismo:

a) uma articulação peculiar entre um dualismo (pré-capital-capital, não europeu-europeu, primitivo-civilizado, tradicional-moderno, etc.) e um evolucionismo linear, unidirecional, de algum estado de natureza à sociedade moderna européia; b) a

naturalização das diferenças culturais entre grupos humanos por meio de sua codificação com a idéia de raça; e c) a distorcida relocalização temporal de todas essas diferenças, de modo que tudo aquilo que é não-europeu é percebido como passado. Todas estas operações intelectuais são claramente interdependentes. E não teriam podido ser cultivadas e desenvolvidas sem a colonialidade do poder. (Quijano,2005 p. 123)

4.2 A identidade nacional e o currículo escolar

No processo de construção de uma identidade nacional, os povos indígenas brasileiros ou estiveram invisibilizados ou estiveram presentes em diversas formas de narrativas historiográficas, sendo encaixados em diversas categorias de análise. O discurso etnográfico do IHGB, no século XIX, ficou marcado pela dissertação de Karl Friederich Von Martius que mostrava os caminhos que deveriam ser seguidos pelo historiador brasileiro ao escrever, o qual deveria trabalhar com os papéis específicos das três “raças” formadoras do Brasil (TURIN, 2013. 28).

A história escrita dos grupos indígenas brasileiros esteve ligada à construção de uma identidade nacional, com todos os problemas e diferentes significados que esse termo possui/possuiu ao longo dos estudos historiográficos brasileiros e latino-americanos. Que além da historiografia do século XIX, passa pela formação da história moderna no século XX e dos estudos pós-coloniais.

No texto historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: Eurocentrismo em questão, os autores trabalham com o paradoxo dos temas e autores latino americanos serem locais e serem inseridos em redes globais de explicação. No caso dos povos indígenas essas questões são mais complicadas visto a diversidade de explicações e compreensões regidas por conceitos considerados globais. Ao versar sobre a historiografia do século XIX, para a qual o principal objetivo era a construção de uma identidade nacional. Citando Varnhagen, os autores mostraram que os povos nativos foram colocados sob o estudo da etnografia, visto que, para o período, foram considerados povos sem história. Pois além de não possuir escrita, esses povos não teriam sofrido mudanças significativas em seus meios de vida durante um longo período de tempo.

Com o passar do tempo e as mudanças na historiografia no início do século XX, a história tornou-se um meio para a modernização. Segundo os autores do texto citado no parágrafo anterior, as heranças do passado colonial deveriam ser identificadas e superadas. Essa historiografia não limitou-se ao Brasil, foi perceptível nos demais países latino americanos. Além das questões relacionadas ao passado da disciplina há também que se pensar, se ela é um dado antropológico universal. Segundo o autor indiano Sanjay Seth, os mitos, lendas e crenças ganham o mesmo espaço que o constructo histórico ocidental que é uma das formas de se relacionar com o passado da humanidade. Uma das formas de contornar o privilégio epistêmico da história é, segundo os autores citados neste parágrafo, uma abordagem interdisciplinar que reflita as relações entre a etnografia, antropologia e a história.

Eduardo Viveiros de Castro procura exemplificar tal constructo apresentando uma relação direta da luta destes povos pelos espaços na sociedade brasileira contemporânea. O que vai além da necessidade ter seus meios de conhecimento, existência, luta, resistência e direitos estudados por toda população ainda na educação básica, para que sejam reconhecidos. E passa pelo estudo e reflexão das historiografias que pensaram a identidade nacional desde o século XIX.

Desde o início das tentativas de compreensão das relações étnico raciais na sociedade brasileira, os povos indígenas ou estiveram invisibilizados ou estiveram presentes em diversas formas de narrativas historiográficas, sendo encaixados em diversas categorias de análise.

O discurso etnográfico do IHGB, no século XIX, ficou marcado pela dissertação de Karl Friederich Von Martius que mostrava os caminhos que deveriam ser seguidos pelos historiadores brasileiro ao escrever, os quais deveria trabalhar com os papéis específicos das três “raças” formadoras do Brasil (TURIN, 2013. 28). A história escrita dos grupos indígenas brasileiros esteve ligada à construção de uma identidade nacional, com todos os problemas e diferentes significados que esse termo possui/possuiu ao longo dos estudos historiográficos brasileiros.

Para Rebeca Gontijo, a identidade nacional é o resultado de um processo que atribui sentido a “comunidade imaginada” e que pode passar por diversas ressignificações e disputas: “(...) Assim, a identidade nacional precisa ser

constantemente reinventada e reinvestida de significados e sentidos, a partir de situações históricas específicas.” (Gontijo, 2003, p.55).

Entre as questões levantadas a partir dessas formulações que ajudariam no desenvolvimento do presente trabalho está a seguinte: Como os povos indígenas estiveram presentes nessas (des)construções da identidade nacional brasileira? Visto que há diversas formulações, tanto as já consideradas clássicas na historiografia nacional quanto as de cunho mais contemporâneo estão presentes em diversas mídias que se utilizam da história (e que são acessadas por estudantes dos mais variados níveis da escola básica), as quais evocam e demonstram os usos do passado por produtos e instituições que se vinculam a formas de conhecimentos múltiplos.

A difusão do que seria uma “divulgação histórica”²⁰ está presente em várias produções midiáticas do Brasil contemporâneo que tratam de temas ligados aos povos autóctones e sobre as relações étnico-raciais na história brasileira. No entanto, elas respondem a diferentes discursos historiográficos. Para Helenice Rocha, o acesso ao conhecimento por meio de diferentes produtos culturais pode levar a um objetivo próximo ao da ciência em relação à divulgação histórica, ou seja, do acesso mais democrático à informação pois “Afinal, aos acontecimentos sucedem as apreciações pessoais sobre a sua desejabilidade, propiciando um maior controle social sobre os processos cuja ocorrência ou repetição se deseje ou não” (ROCHA, 2014, p.39).

As produções apresentam as diferenças de interpretações sobre o passado já produzidas, sejam elas construídas para um público acadêmico, leigo ou escolar, mas que apresentam estreita ligação com a formação da ideia de identidade nacional nos mais variados períodos da história brasileira, segundo Gontijo:

No Brasil, a preocupação de definir a identidade nacional, a partir da localização de suas particularidades e da indagação sobre o processo histórico através do qual a população teria adquirido os contornos de uma nacionalidade, tem estado presente em diferentes âmbitos do conhecimento e da atuação política e social.(Gontijo, 2003, 55)

²⁰“(..) uma denominação para o fenômeno de criação e apropriação de produtos culturais que evocam o passado entre alternativas já existentes. Propomos provisoriamente a expressão “divulgação histórica” como uma das esferas da cultura histórica nos diferentes usos do passado. (ROCHA,2014p.34)

Inseridas nesse processo estão as questões das relações étnico-raciais presentes no decurso da historiografia brasileira. A escrita da história, para um projeto de nação no século XIX, colocou os povos indígenas, e as demais “raças”, em uma forma hierarquizada de sociedade que apresentava as contribuições particulares de cada uma delas: “As diferenças entre os povos eram tidas como naturais, porque era a natureza – na forma do determinismo geográfico (o meio) e biológico (a raça) que impunha limites às propensões dos indivíduos.” (Gontijo, 2003, p.60)

No final do século XIX e início do XX, prevaleceram as visões que valorizavam o país mestiço. Essa interpretação apareceu como uma solução para o inevitável fracasso, devido à diversidade de raças, pregado pelo determinismo. Contudo, a valorização do país mestiço apresentou o convívio harmonioso entre as diversidades como principal aspecto nacional, eliminando disputas, opressões e resistências. (Gontijo, 2003 p.60)

Ao longo do século XX, variadas explicações foram utilizadas para a construção de uma identidade nacional, por exemplo, com Gilberto Freyre (1933) e a política do Estado Novo com a criação do “mito da democracia racial”, a qual positivava a mestiçagem, sem, no entanto, dar conta das questões da violência intrínsecas às relações étnico-raciais no Brasil. A partir de 1950 esse modelo passou a ser criticado e desconstruído:

A nova matriz de explicação do atraso nacional era baseada na análise econômica, que oferecia um quadro estrutural capaz de explicar cientificamente a relação entre cultura e desenvolvimento nacional, considerando o quadro de desigualdade interna e internacional (GIJON, 2003, p.62)

Para Bittencourt, há ligação entre o silêncio sobre a temática que também produziu apagamento (silêncio esse que está ligado ao extermínio, ao apagamento e a negatização dos povos indígenas de participarem de decisões que lhes afetam o cotidiano) com as práticas pedagógicas que ensinam a História do Brasil e as políticas públicas (Bittencourt 2012, p.300). E a, relativamente recente, lei 11645/2008, segundo a autora:

Talvez a Lei nº 11645/2008, ao forçar o estudo da história e da cultura indígena na escola não-indígena, além de alargar os horizontes do ensino de História com a presença de outros conteúdos, ofereça também nas

outras formas de ensinar. Pense que esse movimento contribui para mostrar nossas incompletudes e, quiça, introduzir na educação outros valores, outros saberes e outros conhecimentos que dizem na nossa ancestralidade ameríndia. (Bittencourt, 2012, p. 303)

Longe de apenas alargar os horizontes do ensino de história com a presença do outro e o reconhecimento da ancestralidade, há a necessidade de reconhecer e identificar a presença física, cultural e política dos povos indígenas no presente e identificar os movimentos sociais como sujeitos com suas experiências sociais, para Wittmann:

As ações dos sujeitos indígenas devem ser observadas a partir das suas experiências sociais e culturais específicas, com objetivos próprios. Uma análise nesse sentido se torna viável com a recusa da noção de cultura estática, que engessa as ações dos sujeitos históricos. Em vez de difundir a ideia comum de cultura como um sistema rígido, é interessante percebê-la na vivacidade das relações sociais, que, em um dinamismo constante, apresentam trocas, conflitos, negociações, acomodações, ressignificações. (Wittmann, 2017, p.)

4.3 Inserções no currículo e atenção as demandas discentes

O currículo apresenta-se como um local de disputa de variadas memórias e identidades que buscam legitimidade para estarem presentes nas políticas públicas da educação. Segundo Anhorn:

No meio do fogo cruzado das lutas contemporâneas cujas demandas lançam mão de escalas territoriais identitárias (local, regional, nacional, supranacional, global), a posição hegemônica de uma articulação pautada na lealdade nacional está hoje ameaçada. Essa ameaça é mais incômoda quando pensada em termos do currículo da História do Brasil, cuja produção, distribuição e consumo dos conhecimentos ensinados está estritamente associada à produção de uma narrativa da brasilidade mobilizadora da lógica equivalencial constituinte do nacional. (ANHORN, 2012, p. 133)

Na sala de aula, do sexto ao nono ano das séries finais do ensino fundamental, os povos indígenas aparecem em diversas temporalidades, seguindo-se a divisão tradicional que ainda pauta os currículos brasileiros. No sexto ano, na pré-história, juntamente aos diversos povos e, normalmente em segundo plano. No

sétimo ano com a chegada dos europeus e nos dois últimos anos, no oitavo e no nono), conforme a contemporaneidade se aproxima, eles vão desaparecendo aos poucos. Então, trabalha-se a antiguidade, mas não o presente e tampouco as diversas identidades destas populações através do tempo.

A presença nos currículos não garante que haverá trabalhos efetivos em relação aos discursos da formação da identidade nacional no decurso da historiografia brasileira, os quais excluíam ou incluíam os povos indígenas de modo a dar sentido ao próprio discurso hierarquizando ou invisibilizando as relações étnico-raciais.

Por fim, o trabalho com obras, frutos da divulgação histórica, filmes, que não são, necessariamente, produzidos para públicos escolares (além de terem sido produzidos em diferentes momentos da história contemporânea, apresentando diversos regimes de historicidade), teriam a função de historicizar a presença dos povos indígenas nas produções às quais os estudantes têm acesso e podem ser utilizadas para o devido fim em sala de aula.

As questões relativas à diversidade cultural e outras categorias como identidade, diferença e alteridade, encontram-se presentes em discursos do campo de pesquisa e da legislação sobre educação desde a constituição de 1988 e a primeira versão dos PCNs (LIMA, 2017) Contudo, apesar de reflexões institucionais, as maiores complicações encontram-se no cotidiano escolar. Como efetivar esse diálogo com tais reflexões?

Em publicação recente, a autora Marta Margarida de Andrade Lima afirma que:

A multiplicidade de significados que comportam essas experiências termina por tornar claro que para ocorrer o diálogo entre diferentes grupos na perspectiva da construção de uma sociedade mais plural e digna em humanidade, não é satisfatório apenas se dispor ao diálogo e sim, pensar nas formas e na base em que esse diálogo acontece. (Lima 2017, p.100)

Embora a escola não seja a única forma de adquirir possibilidades de reflexões e conhecimentos, a base para se pensar e traçar essa perspectiva de sociedade mais plural é por meio das políticas educacionais. Ou seja, a atividade reflexiva e questionadora constante é prática necessária para tensionar as

possibilidades da aula de história ao trabalhar questões relacionadas as etnias indígenas.

Em relação as identidades, a sala de aula já apresenta uma grande diversidade de subjetivos, trajetórias de corpos e pensamentos em desenvolvimento. E ocorrem processos que estão ao mesmo tempo em alguns ritos presentes e ainda apresentam uma identidade nacional, proporcionando possibilidades de reflexões mostrando que é uma identidade construída sobre uma sociedade colonial, na qual as disputas violentas ou não ocorreram e ainda ocorrem. Para Lima, a diversidade pensada de forma positiva é aquela que é pensada a partir de “todos nós”, sem ser, contudo um “nós” que apresente uma identidade homogeneizante:

Nesse sentido, torna-se necessário o exercício do diálogo entre os diferentes campos do conhecimento que permita apurar nossa capacidade de elaborar as respostas possíveis para as problemáticas educacionais vivenciadas nas escolas. Por outro lado, para além do aporte conceitual que nos possibilita analisar tais problemáticas e estabelecer relações entre mudanças e permanências vivenciadas em variados contextos educacionais, exige-se também outra postura metodológica: buscar uma leitura positiva²¹ da escola. (LIMA, 2017, p.101)

Apenas o conhecimento da existência das diferenças apresenta problemas, no sentido de projetar discursos homogeneizantes calcados na tradição ocidental. Além do fato de esses conhecimentos já estarem presentes, não só no currículo escolar, mas também em outros meios. Mas, a compreensão de que essas marcas foram, segundo Lima:

(...)compreender que as marcas dessas diferenças foram construídas, predominantemente, a partir do binômio dominação/hegemonia através de práticas sociais que invisibiliza o outro pelo silenciamento e controle do tipo de inclusão concedida, pode resultar na busca de saídas desse modelo de sociedade a partir de outros entendimentos acerca da diferença e da igualdade. É por esse véis que as sociedades reconstroem as bases dos embates socioculturais e político-econômicos engendrando novas possibilidades de

²¹ Quando coloca leitura positiva, a autora refere-se ao pesquisador Charlot: “é comum as pesquisas no âmbito educacional explicarem as problemáticas investigadas, sobretudo as do cotidiano escolar, a partir da falta, ou seja, do que elas não apresentam ou daquilo que na realidade não foi encontrado. Do ponto de vista epistemológico, considera que tal explicação não contribui para a compreensão do problema, uma vez que é construída sobre o que não existe. Desse modo, a “falta de” constituísse em “causa de” tal coisa não existir não havendo explicação sobre o que acontece, como e por que acontece e sobre quais desdobramentos precisamos verter nossa atenção. A esse tipo de raciocínio explicativo o autor dá o nome de leitura negativa e propõe uma inversão baseada em uma leitura positiva, ao tomar por objetivo explicar o que acontece e não o que falta.” (LIMA, 2017, p. 103)

existência baseadas na relação de alteridade e na construção da igualdade e da dignidade humanas tomadas pelo o que é diverso em sua historicidade (LIMA, 2017, p.104)

Além das obras citadas e utilizadas anteriormente, há também as de autoria de Circe Bittencourt, as quais foram dadas prioridade para a construção inicial do trabalho, visto que é um nome presente em praticamente todos os escritos sobre a relação entre ensino e história indígena. Sendo assim, foi realizada a leitura de alguns artigos de livros organizados por Bittencourt, bem como artigos da autora Bergamaschi, que também trabalha questões que relacionam a história indígena e o ensino.

No caso da unidade do livro produzido para a formação continuada de professores no “Curso de aperfeiçoamento Produção de material didático para a diversidade” na edição de 2011, o módulo escrito por Cláudio Sá de Machado Júnior intitulado “Povos indígenas e educação audiovisual” serviu como base para pensar o uso do cinema para estudar as relações entre a sociedade contemporânea e a formação das identidades indígenas no Brasil.

Para pensar as mídias contemporâneas na educação, suas implicações e reflexões, há uma gama de possibilidades, baseadas principalmente em trabalhos que já estão na bibliografia desta dissertação.

Nesta mesma linha, mas em uma obra com aspectos muito diferentes, foi estudado o documento escrito por Gérsem dos Santos Luciano Baniwa presente em um documento com o título: *O Índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje*. O autor é indígena e demonstra uma perspectiva contemporânea das lutas para a contemplação e manutenção das identidades dos povos nativos do território brasileiro.

Para se pensar o tempo e as temporalidades diferentes dos povos autóctones da América, há “*O tempo e o outro: como a Antropologia estabelece seu objeto*”, de Johannes Fabian, “*Tessituras do tempo*”, de Rodrigo Turin e “*Os tempos da história: temporalidades, mito e história em materiais didáticos de autores indígenas*”, de Igor Alexandre Scaramuzzi.

Algumas das obras mais recentes utilizadas para as reflexões sobre as relações étnico raciais e as responsabilidades da escola e currículo sobre as mesmas na sociedade brasileira e no cotidiano escolar foram organizadas por

Evandro Fernandes, Nora Cecília Lima Boccacio Cinel e Véra Neusa Lopes em exemplares como *“Diversidade, Educação e Escola”*, de Iosvaldyr Carvalho de Bittencourt Júnior, *“Escola fazendo acontecer: responsabilidades de segmentos e setores em relação às leis 10639 e 11645”*, de Taíse de Santos de Souza, bem como *“Educação no século XXI: História e Cultura Afro-brasileira e Indígena contribuindo para a identidade do cidadão”*, de Nora Cecília Bocaccio Cinel e Véra Neusa Lopes.

Diversos títulos estão presentes, a princípio, nas bibliotecas escolares, provenientes de programas governamentais (como o PNBE), tanto estaduais quanto federais, e que podem, mais facilmente, ser utilizados como base de reflexão por professores das mais variadas localidades.

Uma grande contribuição neste debate vem do livro *“O índio que mora em nossa cabeça sobre as dificuldades para entender os povos indígenas”*, de Spensy Pymmentel, que trata dos estereótipos homogeneizantes existentes sobre os povos indígenas e os povos no presente do Brasil. Há também: *“Povos indígenas e educação”*, organizado por Maria Aparecida Bergamaschi, Maria Isabel Habckost Dalla Zen e Maria Luisa Merino de Freitas Xavier, que traz uma série de artigos que auxiliaram na construção dos objetivos do presente trabalho. Ainda há o exemplar *“Povos Indígenas e a Lei nº 11645: (in)visibilidades no ensino da história do Brasil”*, de Juliana Scheider Medeiros, no qual a autora mapeia questões ligadas à obrigatoriedade a partir da Lei nº 11645, seus tensionamentos e avanços.

As obras apresentadas aqui foram lidas, contudo, nem todas foram citadas anteriormente. Todas foram importantes no desenvolvimento desta dissertação. Há ainda algumas obras que apresentam possibilidades de reflexão sobre o tema tratado, tanto de forma teórica quanto do ponto de vista da construção metodológica.

Enfim, foi realizado um trabalho com estudantes do sétimo ano do ensino fundamental, pensado a partir de questionamentos feitos por uma aluna há dois anos atrás sobre os povos indígenas do Brasil e refletindo sobre como trabalhar com concepções de tempo diferentes em uma disciplina com característica essencialmente euro centrada, como a história. Ao mesmo tempo em que dá conta do conhecimento/reconhecimento dos alunos da existência de diversidades indígenas que não estão, necessariamente, relacionadas a um território nacional e que não se vinculam diretamente com a imagem do índio do Brasil colonial que

passa como estereótipo até a contemporaneidade, como coloca Spensy Pimentel (Pimentel, 2012), e como pude atestar a partir de relatos de estudantes.

Os questionamentos que deram origem ao presente estudo aconteceram numa turma de oitavo ano de ensino fundamental, que no momento estudavam o processo ocorrido em 1808 com a chegada da família real portuguesa no Brasil. Ou seja, havia uma tênue ligação com o conteúdo, mas a aluna, não sentiu-se intimidada em perguntar sobre aquilo que lhe incomodava, que veio do seu cotidiano. Essas perguntas me desestabilizaram como professor, e me levaram a fazer uma autocrítica, pois eu havia trabalhado com aquela mesma turma no ano anterior, e parecia que poderiam ser respondidas facilmente com aquilo que eu trabalhara na série anterior;

Essa desestabilização foi importante para o desenvolvimento das atividades que, naquele ano, utilizei nos sétimos e oitavos anos. Pois, como percebi as abordagens para os sétimos não tinham passado a mensagem necessária. O trabalho anterior consistia em uma pesquisa sobre a diversidade de povos e culturas indígenas do Brasil, no qual cada grupo deveria apresentar um povo com suas características sobre as particularidades de cada cultura. As principais falhas nessa ideia acabaram se mostrando ainda durante as apresentações, visto que não havia tomado cuidado necessário para evitar os discursos que focavam no exótico.

O que chamou a atenção naquele momento foi que um outro estudante, utilizou alguns trechos de vídeos do youtube para a apresentação de seu trabalho, no momento em que o questionei, ele respondeu que utilizava o site de streaming quando precisava entender algo, mas utilizava pesquisas em sites de busca nos trabalhos escritos. Perguntei para as turmas sobre essas práticas e percebi que ela é recorrente entre os estudantes, independente das idades.

Então, a partir de algumas falhas em uma atividade, na qual eu não pensei de forma mais eficiente nos cuidados diretos que o tema exigia no momento, surgiram possibilidades de reflexão, a partir do tensionamento causado pelas perguntas de minha aluna.

A atividade ocorreu no ano de 2015, no primeiro ano com um calendário escolar completo na escola estadual. E nessa realidade foi que eu percebi que para conseguir atenção sobre questões relacionadas aos conteúdos, não deveria pensar

que a televisão ou jornais fossem a principal fonte de informação, se comentasse sobre uma manchete do dia anterior, pouquíssimos alunos responderiam afirmativamente que teriam visto. No entanto, caso comentasse sobre um canal de vídeos do youtube que traz informações aleatórias, ou que comenta notícias, eu teria uma parcela maior de interessados que já teriam entrado em contato com o assunto.

4.4 As escolas

Na segunda etapa do trabalho aqui descrito, os estudantes deveriam encontrar vídeos no youtube sobre a diversidade indígena, e dentre eles escolher editar e unir. Produzindo assim um outro vídeo que contivesse um resumo do que eles haviam compreendido. Para isso eles deveriam responder o segundo conjunto de questões²², para isso não deveriam utilizar apenas os materiais selecionados, mas também aqueles que eles haviam descartado.

Tanto na escola estadual José Maurício, quanto na municipal, São Marcos eu já havia utilizados em aulas expositivas o material de alguns canais do youtube, como o vídeo na aldeia, uma das preocupações em relação a isso era de que os grupos utilizassem apenas vídeos dessa fonte. Contudo, não foi o que aconteceu.

4.4.1 A Escola São Marcos

Nessa escola os termos da busca foram muito variados. Como percebido na resposta da primeira questão que se encontra no Anexo I, os estudantes reconheciam a existência de uma diversidade étnica dos povos indígenas, o que ficou perceptível nos questionários respondidos pelo primeiro grupo aqui analisado, que chamarei de grupo ASM.

²² Anexo II

Os termos de busca, continham as etnias pesquisadas: por exemplo, no primeiro vídeo foi: *Cultura Kaingang*, e o título do vídeo escolhido foi lenda kaingang, origem do milho²³, o motivo da escolha, segundo o grupo, foi o fato de o vídeo apresentar uma senhora contando a lenda. Além do interesse pela história em si, havia também, o exemplo de oralidade, a qual já havia sido trabalhado em aula. O trecho utilizado foi do primeiro minuto do vídeo até o sexto, o que foi justificado da seguinte forma: *através dessa lenda da pra conhecer bastante da cultura kaingang, e no vídeo tem uma senhora contando para crianças, passando conhecimento.*

Esse, era exatamente a forma de trabalho e vídeo que havia incentivado-os a procurar. Demonstra uma forma de perceber o mundo diferente do modo contemporâneo eurocentrado escolar do presente. Exemplificando a existência, de culturas geograficamente próximas, com meios de transmissão de conhecimento por via oral.

O segundo vídeo do grupo ASM, foi realizado da mesma forma, contudo, o grupo étnico escolhido foram os Charruas. Assim que olhei a ficha com as respostas, indaguei o grupo do porquê da escolha desse povo, uma das integrantes disse que ouvira falar neles no CTG²⁴, e segundo um senhor que frequentava esse mesmo espaço, eles haviam sido importantes para a formação do Rio Grande do Sul. Houve, nesse caso uma reclamação dos alunos pelo fato de não haverem encontrado materiais produzidos por indígenas. Então o vídeo escolhido foi: *Os últimos charruas*²⁵, produzido pela RBS para a série Histórias extraordinárias, e encontra-se em um canal chamado Bismuto, no youtube. O trecho utilizado foi dos 4 minutos aos 14, foi justificado, como sendo: *muito interessante por causa da história da boleadeira, e porque dá pra entender o que é genocídio.*

O terceiro material escolhido pelo ASM foi relacionado aos guaranis, apresentaram a mesma justificativa que utilizaram para os povos charruas. Contudo, o vídeo escolhido foi produzido em Miracatu, um clip de um documentário produzido por uma comunidade indígena²⁶. O que foi apontado pelo grupo, foi o fato de ter sido

²³ LABCULTURAVIVA. *Lenda Kaingang*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kcnmxw1S2vQ>

²⁴ Centro de Tradição gaucha.

²⁵ BISMUTO. Os últimos Charruas - Histórias extraordinárias- RBS TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z0bonoBzask>

²⁶ Texto presente na descrição do vídeo: *O Projeto Cultura Guarani e Tupi Guarani à Luz dos Dias Atuais, sob coordenação dos PCNP Erika Vieira (Tecnologia), Marta Ferreira (Diretora do Núcleo Pedagógico e PCNP de Ciências / E.E.I. – Ensino Escolar Indígena) e Paulo Zioli (Matemática – Ciclo II), propõe a gravação de depoimento de professores,*

produzido a partir de um espaço escolar, no qual, há espaço para as tradições e a forma utilizada é a oralidade.

Do material produzido pelo grupo foram feitos recortes desses três vídeos, os quais foram escolhidos, não só a partir da autoria, nem pelo fato de serem grupos étnicos presentes no Rio Grande do Sul (materiais de outros estados, como o de Miracatu SP), o ponto principal das buscas, segundo o grupo foi o fato das produções serem realizadas por indígenas, quando questionados sobre a série Histórias extraordinárias da RBS, responderam que não haviam encontrado vídeos dos descendentes dos Charruas. Todos os trechos de documentários que aparentassem ser mais descritivos foram descartados pelos alunos.

Esse trabalho confirmou aquilo que eu esperava dessa turma e, particularmente, desse grupo. O reconhecimento da diversidade, contudo, elementos da colonialidade fortemente presentes, como a relação com o CTG e a utilização de um pequeno documentário produzido por um canal de televisão.

O segundo grupo, BSM, seguiram por um caminho parecido do primeiro, contudo, pesquisaram a partir de termos e etnias que haviam visto em notícias de telejornais. Escolheram apenas dois vídeos para produzir seu material.

O primeiro deles foi encontrado com o termo Xavantes, o vídeo tem o título de: *Uma casa, uma vida* (2013, Xavantes, Raiz das imagens) e pertence ao canal, Raiz das Imagens²⁷. Neste, o que foi destacado pelo grupo, foi o fato do interesse por diferenças nas construções. Além do fato de programas habitacionais, que eles conhecem (um dos integrantes do grupo comentou sobre ter sido utilizado por sua família), também ficou perceptível as relações com a natureza.

O trecho que foi escolhido contém falas que demonstram conhecimento local para a construção, começando com um senhor e terminando sobre a escolha das madeiras e a resistência (comentado pelos alunos o fato da resistência, os comentários principais eram sobre as casas nas quais já haviam habitado). Esse

alunos e comunidade indígena com o objetivo de registrar fragmento da história oral e cotidiano da cultura indígena Guarani e Tupi Guarani, a fim de compor documentário audiovisual para as aulas de história e afins.

²⁷ RAIZ DAS IMAGENS. *Uma casa, uma vida*. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Hf2u0_O1XYs

Descrição do vídeo: Filme realizado pelos jovens Xavante em parceria com o coletivo Raiz das Imagens a partir das oficinas realizadas nas aldeias Santa Cruz e Belem durante o projeto Tiba'uwe nos meses de agosto e setembro de 2013. O vídeo tem como finalidade mostrar a importância da casa tradicional dentro da cultura indígena, informar sobre os riscos do programa Minha Casa Minha Vida, propondo uma alternativa sustentável que respeita a cultura destas comunidades.

vídeo rendeu mais uma pesquisa rápida dos estudantes sobre as diversas formas tradicionais de construir dos povos indígenas.

A parte final do vídeo, foi retirado de duas produções, a pesquisa, nesse caso, também focou em um grupo específico, para o qual foram escolhidos dois títulos: *Os Yanomami*²⁸, postado pelo canal Instituto Amazônia Equatorial, e os *Índios Yanomami*²⁹, postado pelo canal Repórter Eco. Segundo o grupo, eles focaram em povos da Amazônia, por questão de curiosidade (neste grupo estava presente o aluno que havia pesquisado sobre o avião da FUNAI atingido pelas flechas).

A parte inicial desse trabalho foi de extrema importância pela valorização de conhecimentos relegados ao caráter de primitivo pela colonização. Os quais, levaram os alunos a pensarem a própria situação de habitação, a partir de um modelo que não é o corrente. Atingindo assim, os objetivos desse estudo.

Enfim, nesse grupo ficou bem destacada a ligação dos povos indígenas com a natureza, visto que o mais comentado ao responder as questões das fichas foi a forma como a construção dos Xavantes utilizava materiais de construção respeitando o meio ambiente. Além, de destacar a importância das terras indígenas e o problema com os garimpeiros narrado na segunda parte do vídeo. Contudo, esse grupo não utilizou materiais postados por indígenas, mas por instituições. A justificativa para isso foi que acharam o material encontrado muito relevante, pois revela problemas enfrentados atualmente.

O terceiro grupo da escola municipal (grupo CSM), utilizou 3 vídeos para produzir o trabalho. Focaram na busca por diversos ritos e atividades culturais. As três produções foram postadas pelo mesmo canal³⁰, uma delas é : *Kuikuru, lutas dos*

²⁸ INSTITUTO AMAZONIA EQUATORIAL. Os Yanomami. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L1khzGW54Mg>

²⁹ REPORTER ECO. Índios Yanomami. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xOPKMZLI76c>

³⁰ Canal Abel Faria de Oliveira, no qual possui diversos vídeos do tema, sem haver uma apresentação do canal, nem as fontes de onde os trechos foram retirados. Após uma breve pesquisa com o título dos vídeos escolhidos pelos alunos fica perceptível, que esses mesmos trechos estão presentes em diversos canais, dificultando a busca pela origem. Questões parecidas são recorrentes em buscas utilizando o youtube. Qualquer pessoa com uma conta no Google pode fazer upload para o youtube de trechos de obras editadas. Os quais, apenas serão retirados do ar se houver denúncia por infringimento das leis de direitos autorais. Contudo, os vídeos desse canal foram escolhidos pelos alunos pelo fato de possuírem mais visualizações que outros, algo muito comum de observar no uso da plataforma. Visto que são feitas comparações entre os números de cada canal.

*homens e crianças*³¹ o outro foi *Como que os Índios tocam uma flauta longa de taboca*³², e *Indígenas do Brasil TAQUARA KUIKURO fazendo festa tradicional*³³. Não há falas nem legendas, apenas os atos descritos nos títulos. Segundo o grupo, essas escolhas foi devido à quantidade de *likes* e visualizações que haviam recebido esses vídeos.

Nesse entrou um outro elemento, que foi a escolha pela aclamação das pessoas que assistiam os vídeos. O grupo não comentou nada sobre o trabalho, e quando indagados eles afirmaram que haviam utilizado esses trechos por apresentarem culturas diferentes, mas nada além disso, mostraram também resistência ao realizar a atividade. Como se o tema não os tivesse chamado atenção

O quarto grupo, utilizou-se de cinco vídeos para fazer o trabalho. Dos quais dois foram retirados do canal Vídeos na aldeia. Esse foi o grupo que mais mesclou entre materiais produzidos por povos indígenas e materiais de reportagens/videoaula. Apresentaram maior preocupação por questões culturais. O primeiro trecho utilizado é de um material que destoa dos demais, visto que é no formato de vídeo aula, apresentado por um professor de história (segundo os alunos essa seria a introdução), como o vídeo é curto, todo ele foi utilizado cujo título é: *Cultura Indígena*³⁴, produzido pelo canal ³⁵*Hidra Cabeças pensantes*. O que mais foi destacado pelos alunos nessa produção foi o fato de citar a lei 11645, além de explicar sobre a diversidade de povos e culturas.

Embora, não tenha sido realizado apenas com materiais produzidos por povos indígenas, esse trabalho, utilizou um vídeo que, mostrou a importância de eles estudarem a diversidade étnica e cultural presente no país. E, inclusive, apresenta a lei 11645, como um resultado de demandas dessas populações em serem reconhecidas, e não como concessão do estado.

³¹ ABEL FARIA DE OLIVEIRA. *Kuikuru, lutas dos homens e crianças*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3aWjfw817E>

³² ABEL FARIA DE OLIVEIRA. *Como que os Índios tocam uma flauta longa de taboca*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7If92GMMU0Q>

³³ ABEL FARIA DE OLIVEIRA. *Indígenas do Brasil TAQUARA KUIKURO fazendo festa tradicional*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9xbj2qQplaU>

³⁴ HIDRA-CABEÇAS PENSANTES. *Cultura indígena*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xg01PI-G2-E>

³⁵ Na descrição do canal: *Questionar e aprofundar, possibilitando novas leituras sobre Ciências Humanas. 1 tema por mês, 1 vídeo por semana. Todas as terças às 16h no YouTube. Ou seja, é um canal de temas relacionados as ciências humanas.* (HIDRA-CABEÇAS PENSANTES. *Apresentação do Canal*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCiIU9m4YAnhOyGwcgMeJVsQ/featured>

O segundo, foi escolhido por curiosidade e interesse, foi : Enawenê Nawê (vídeo3/7) entenda o futebol dos índios da tribo Enawenê Nawê³⁶, que é um trecho de uma reportagem, postada editada por uma conta pessoal do youtube. O que chamou a atenção dos estudantes foi o fato de haver características de um jogo parecido com o futebol, mas apropriado e reconstruído conforme questões culturais. Como, por exemplo o fato de os vencedores ganharem objetos como arco e flechas entre outros.

O seguinte vídeo utilizado foi do canal/projeto Vídeos nas aldeias. Os trechos utilizados do primeiro escolhido: *Das crianças Ikfeng pro mundo*³⁷. Demonstram a identificação e surpresa com as brincadeiras e atividades diárias. Como a pesca e, principalmente, um trecho em que crianças aparecem brincando com aviões de madeira. O terceiro vídeo foi *Melhor resposta ao preconceito cultural contra os indígenas*³⁸, postado pelo canal guerrilha vídeos. Esse foi utilizado na íntegra e escolhido, segundo os alunos, pois relata um caso real do que havia sido discutido em aula, e daquilo que muitos deles haviam percebido e pensado em uma saída de campo (citada anteriormente) para uma aldeia indígena. Foi importante para perceber, o quanto eles também estavam equivocados, assim como o entrevistador.

O quarto vídeo, foi, segundo eles, para mostrar outra realidade (o título do vídeo é: *Índios isolados o 1 contato*³⁹). Usaram um trecho que mostrava contato entre servidores da Funai e indígenas, contudo, esse vídeo foi postado por um canal pessoal, a filmagem é amadora, e, segundo os alunos, por isso mostra a realidade do encontro visto que não foi produzido por equipes de filmagem. Para eles, isso ajudou a entender a diversidade de modos de vida e culturas que existem nos povos indígenas do Brasil. Aqui, nota-se que há a percepção das temporalidades e das diferentes fases de contatos com os povos nativos.

³⁶ ROCHA, Márcio Monteiro: Enawenê Nawê (Vídeo 3/7): Entenda o Futebol dos Índios da Tribo Enawenê Nawê. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eOibWq0QCQ>

³⁷ Com a seguinte descrição: *Quatro crianças Ikpeng apresentam sua aldeia respondendo à vídeo-carta das crianças da Sierra Maestra em Cuba. Com graça e leveza, elas mostram suas famílias, suas brincadeiras, suas festas, seu modo de vida. Curiosas em conhecer crianças de outras culturas, elas pedem para que respondam à sua vídeo-carta. Este filme é íntegra a versão digital de "Cineastas Indígenas para Jovens e Crianças", um livro-vídeo para estudantes do ensino fundamental. VÍDEO NAS ALDEIAS. Das crianças Ikfeng pro mundo. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=28r1cj0xwEs>.*

³⁸ GUERRILHAVIDEOS. *Melhor resposta ao preconceito cultural contra os indígenas*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jiRnINWvKgM>

³⁹ MACHADO, Altino. Índios isolados - 1º contato no Acre. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sb7alahD-BE>

O último vídeo escolhido foi *Eu já virei espírito*, do canal *vídeo nas aldeias*⁴⁰. Neste são apresentadas entrevistas dos bastidores da obra: As Hiper mulheres Itseke Ugei Leha. Para eles essa foi a escolha para finalizar, pois mostrava como foi realizada a filmagem de uma obra, mostrando que seus autores eram todos os participantes. Além disso, pelo comentário de uma das integrantes do grupo, foi um dos vídeos que falava sobre as mulheres na aldeia.

Enfim, foi possível perceber que, ao entrar em contato com os vídeos, principalmente aqueles pensados e realizados por indígenas, como foi incentivado no início do trabalho, trouxe reflexões e valorização de outras formas de conhecimento, colocando-os em contato, com realidades diversas dos povos indígenas brasileiros.

Embora tenham sido utilizados também trechos de documentários, eu não esperava retirar essa prática de uma vez só, visto que é a forma com a qual os estudantes estavam acostumados a partir da realidade escolar. Portanto, a utilização dos vídeos para realizarem um outro material, foi proveitosa nessa escola, para pensar as questões de raça e colonialidade escritas por Quijano e citadas anteriormente. Perceptível a partir das escolhas de trechos de documentários que apresentam um modo de explicar comum ao ambiente escolar eurocentrado em detrimento de vídeos produzidos por autores indígenas, embora tenham sido orientados a escolher os últimos.

4.4.2 A escola José Maurício

Assim como no primeiro conjunto de questões, a busca dos vídeos e a escolha dos materiais mostrou diversas escolhas de vídeos pelos mais variados motivos. Não houve muitos grupos que seguiram as orientações de utilizar materiais produzidos por povos indígenas. Além, de apresentarem trabalhos mais curtos, e, de certa forma mais práticos no modo de execução. Com menos tempo e sem legendas, além de muitos não terem nem editado os vídeos, apenas apresentado

⁴⁰ VÍDEO NAS ALDEIAS. Eu já virei espírito. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g9edmXF6qTE>

A primeira turma que apresentou os vídeos escolhidos foi a 71, na qual foram realizados e apresentados para a turma quatro trabalhos, os quais mostraram-se bem curtos e concisos. O primeiro (A71), começou com o vídeo *Índigenas do Brasil* do canal Enraizando⁴¹, que faz um pequeno resumo, muito parecido com um material paradidático sobre os povos indígenas do Brasil. A segunda e última parte do material do grupo, foi um trecho do documentário *Índios do Brasil*⁴², (O qual foi muito recorrente dentre os trabalhos dessa escola). A parcela utilizada mostrava entrevistas de pessoas que não se identificavam como índios. Porque, segundo os alunos, o nosso desconhecimento sobre a cultura deles e a desvalorização levou as pessoas a não aceitarem suas origens por não serem valorizadas na sociedade. Além, de mostrar, as consequências da racialização da sociedade para controle e dominação realizada pela colonização.

O segundo grupo, B71, utilizou apenas o vídeo apresentado pelo grupo anterior, *Índigenas do Brasil*, do canal Enraizando. Segundo eles porque era mais fácil de entender. Não houve nenhum comentário sobre as demais razões.

O terceiro grupo C71, fez um material com um vídeo produzido para um trabalho escolar da Escola de Aplicação da UFBA. Contudo, o vídeo apresenta apenas imagens gerais de indígenas em locais isolados. Segundo o grupo eles escolheram esse vídeo porque as imagens mostravam apenas indígenas em florestas, sem dar conta que os índios podem também estar nas cidades. E finalizaram a atividade com o vídeo, (que foi apresentado também por um grupo da outra escola) *melhor resposta ao preconceito cultural contra os indígenas*⁴³. Para o grupo há indígenas nas cidades e isolados, e nenhum deles deixa de ser índio pois identificam-se como tal.

O quarto grupo, D71, começou com o material nomeado de *A questão indígena em 4 minutos*⁴⁴, o qual é muito parecido com materiais paradidáticos, o que foi destacado foi a relação dos territórios indígenas não demarcados e os conflitos pela terra e pelos recursos naturais, principalmente da Amazônia legal. Encerraram

⁴¹ ENRAIZANDO. Os indígenas – Raízes do Brasil. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cQkA5PDow2s>

⁴² ÍNDIOS NO BRASIL parte 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ScaUURAJkC0>

⁴³ GUERRILHAVÍDEOS. *melhor resposta ao preconceito cultural contra os indígenas*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jiRnINWvKgM>

⁴⁴ AGÊNCIA PÚBLICA. *A questão indígena em 4 minutos*. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y_tKDCBimTQ

o trabalho com dois vídeos completos do canal *Se liga nessa história*⁴⁵. O primeiro foi o *Índigenas no Brasil # Identidade indígena*⁴⁶ no trecho destacado o interlocutor relata que o uso de aparelhos tecnológicos ou roupas do presente não faz os indígenas deixarem de ser índios. O segundo vídeo do mesmo canal (*Índigena no Brasil # Genocídio indígena*⁴⁷), foi usado pra complementar o primeiro. O que foi destacado é um trecho em que o interlocutor afirma que devemos pensar que esse genocídio ainda acontece e que a sociedade contemporânea também é responsável.

Na turma 72 foram cinco materiais produzidos a partir dos vídeos escolhidos. O primeiro grupo, que chamarei de A72, utilizou três vídeos para produzir seu material. O início do vídeo é um trecho de: *Índios do Xingu, tradição e cultura*⁴⁸. Retirado do canal de Rodrigo Leitão, é um trecho de uma obra que não foi citada pelo canal. Contudo, a utilização na introdução foi justificada por retratar costumes e tradições, que, segundo os alunos seriam interessantes pois apresentam algo diferente (aqui encontra-se novamente o dado do exótico chamando a atenção). Na segunda parte encontra-se um trecho da animação: *Os indígenas – Raízes do Brasil*⁴⁹, do canal Enraizando⁵⁰. O uso dessa animação foi justificado pela facilidade de compreensão. Contudo, o que levou a utilização foi o fato de deixar em destaque a relação dos modos de vida e a natureza. O último trecho utilizado, foi *Povos indígenas no Brasil*⁵¹, de um canal pessoal. O que foi produzido a partir de documentários é um material que mostra relatos sobre as relações com a natureza. Enfim, os trechos desse grupo, apresentaram o interesse nas relações entre os povos indígenas e a natureza, segundo o que disseram ao apresentar o material para o restante da turma, era a importância da conservação.

⁴⁵ SE LIGA NESSA HISTÓRIA. Youtube.

Disponível em: <https://www.youtube.com/user/seliganessahistoria1/about>

⁴⁶ SE LIGA NESSA HISTÓRIA, *Índigenas no Brasil #1 | Identidade Indígena*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zV6aQ7QLQNU>

⁴⁷ SE LIGA NESSA HISTÓRIA, *Índigenas no Brasil #2 | Genocídio Indígena*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-HwQBmml4c>

⁴⁸ LEITÃO, Rodrigo. *Índios do XINGU, tradição e cultura*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YS2bqnM-4UE>

⁴⁹ ENRAIZANDO. *Os indígenas – Raízes do Brasil*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cQkA5PDow2s>

⁵⁰ O canal Enraizando pertence ao estúdio Rizoma: <http://rizomaestudio.com.br/> e possui a seguinte descrição: *Enraizando é um projeto educacional nascido dentro do Rizoma Estúdio em 2014, com objetivo de informar, instruir, ensinar e explicar através de animações, vídeos e infográficos.*

⁵¹ XAVIER, Thaís. *Povos Indígenas do Brasil*. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9fcR2u7_CWE

O segundo grupo, aqui identificado ao B72, demonstrou-se mais interessado em questões ligadas ao presente dos povos indígenas. O primeiro material utilizado foi um vídeo de um programa chamado Via legal⁵² com o título: *Índigena é impedida de fazer matrícula na universidade por causa de documento*. O que os estudantes mais marcaram no uso desse trecho foi o fato de não ter sido reconhecido, num primeiro momento, um documento para o acesso de um direito. Essa situação logo foi reconhecida como cotidiana para muitos alunos (um dos participantes do grupo lembrou que um dia sua mãe não pode acessar direitos por que não possuía carteira de identidade). Além de, começar uma discussão em sala de aula, juntamente aos materiais dos outros grupos, sobre o espaço ocupado por parcelas da sociedade e as disputas por direitos.

Dos outros dois trechos que completavam, um era sobre três irmãos indígenas que eram promessas na natação, retirado de uma reportagem de um programa da rede Record⁵³. O que chamou a atenção foi a participação em esportes e as crianças como representação do povo do qual são oriundos. O vídeo foi finalizado com *O que estão fazendo com os índios do Brasil?* De um canal chamado Justificando, que posta diversos vídeos sobre reflexões do presente. Nesse em particular, que não foi produzido por indígenas, há várias questões levantadas que, segundo os alunos, foi o motivo da escolha. Um dos integrantes do grupo, lembrou que havia respondido uma questão do primeiro questionário dizendo que havia visto apenas reportagens sobre invasões de terras realizadas pelos povos indígenas. E, assistindo esse vídeo ele entendeu o porquê ocorrem esses conflitos de terra, e a importância das demarcações dos territórios indígenas.

O grupo C72 fez um apanhado de vídeos sobre os povos indígenas, unindo todos e comentando durante a apresentação sobre cada uma das escolhas. O primeiro deles foi: *Índios no Brasil*⁵⁴ que, em sua introdução, mostra uma série de entrevistas de rua, onde as pessoas não conseguem responder perguntas sobre os povos indígenas, falando, até mesmo que existem apenas no Norte do Brasil. Nesse momento houve uma identificação com algumas dúvidas que eles possuíam antes.

⁵² Programa realizado pelo conselho da Justiça Federal em parceria com tribunais federais, que produzem reportagens e programas falando sobre direitos e cidadania. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/programaViaLegal/about>

⁵³ ESPORTE FANTÁSTICO. *Três irmãos indígenas são as novas promessas da natação no Amazonas*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QiE7lAepTgA>

⁵⁴ Presente no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=MLpK-XDxeXU>

A segunda parte do material do grupo foi um conjunto de relatos deles sobre as buscas e as dúvidas. Segundo eles, esse foi o único vídeo escolhido porque, ao mesmo tempo que mostra a diversidade de povos indígenas, mostra a ignorância da população em geral sobre o assunto.

O grupo D72, iniciou seu trabalho utilizando: Artigo documental *xuhuru-kariri cultura tradição e cemitérios indígenas em palmeira dos índios*, que é de um canal pessoal em nome de Jacira Selestino Gomes. Desse artigo, destacaram a parte inicial que é uma introdução da história do município de Palmeira dos Índios e um trecho em que uma liderança indígena anciã conta a história da chegada dos brancos e como foram enganados por eles e pela igreja, afirmando que manterão suas tradições. Ao comentarem esse trecho os alunos afirmaram que era extremamente positiva a vontade de manter as tradições. O segundo e último trecho, foi, segundo o grupo, a parte mais importante do trabalho. Retirado de um vídeo já visto antes, o *Povos Indígenas do Brasil*. Contudo, esse grupo utilizou apenas as partes que destacavam as relações dos povos indígenas com o meio ambiente. E, essa escolha foi justificada com a afirmação de que isso é uma das características mais importantes para aprendermos com os povos nativos.

A terceira turma, a 73, era composta por um número menor de alunos frequentes, o que levou a produzir apenas três trabalhos. O primeiro, do grupo A73, iniciou com uma produção sobre ensino e povos indígenas, do canal da UNIVESP⁵⁵. Que foi escolhido porque o grupo achou interessante fazer comparações entre as escolas. E, afirmaram na apresentação, que perceberam como a necessidade daquilo que aprendemos na escola muda. Além de, destacarem como deve ser importante para entender a própria cultura, poder conhecer a própria língua (aqui referiram-se ao fato, de, no vídeo a escola filmada ser bilíngue). O outro material que faz parte do início do trabalho também é do canal da UNIVESP⁵⁶ e tem o título de história e temporalidade, a princípio não tem ligação direta com o tema proposto. Contudo, o trecho destacado, ocorre uma fala sobre o mito como uma forma que as sociedades criam para explicar a sua origem, costumes e desenvolvimento.

⁵⁵ UNIVESP. *D-21 - Povos indígenas e práticas de ensino no Brasil*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNanwYCDEsY>

⁵⁶ UNIVESP. *D-21 - História e Temporalidade*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CH316M8SzTM>

A segunda parte do trabalho focou na diversidade de povos e culturas indígenas em território brasileiro, o vídeo utilizado foi *Unidade na diversidade indígena* do canal *Uma gota no oceano*⁵⁷. O qual durou apenas 1:14, com uma fala de Sônia Guajajara sobre uma unidade nos interesses dos povos indígenas em assuntos comuns, apesar das diversas identidades. O material do grupo foi finalizado com outros dois vídeos, um de título: *Índios do Brasil quem são eles?*, que já havia sido utilizado por outros grupos e : *Olhar indígena Daniel Munduruku fala sobre educação indígena* que é uma narrativa de Daniel Munduruku sobre a forma de educar. O grupo destacou as relações de educação, exemplificando com uma das cenas citadas no vídeo, onde mostra o ato de catar os piolhos e ao mesmo tempo ir conversando carinhosamente e educando a criança.

O segundo grupo, B73, iniciou com um curto trecho de um trailer do: *Projeto Território do Brincar - 3º Região - Território Indígena Panará*⁵⁸, *Pará*. Que mostra uma série de cenas com crianças brincando e realizando atividades de suas idades no território indígena referido no título do vídeo. O que foi destacado nessa parte foram as atividades que as crianças realizam, como colocar fogo em palmeiras, pescar, nadar, atirar com arco e flecha. Ou seja, o que atraiu o grupo para esse material foram as diferenças das infâncias, como alunos de 7º ano, eles compararam suas atividades com aquelas apresentadas no vídeo. E encerraram com um vídeo já utilizado antes: *Índios do Brasil, quem são eles?*

O terceiro e último grupo, C73, utilizou apenas dois vídeos, o primeiro, do canal *Vídeo nas aldeias*, é o trailer de uma produção maior, de título: *A gente luta*⁵⁹. O motivo da escolha, foi algo já recorrente nos trabalhos, a questão ambiental. Nesse trecho mostram conflitos com madeireiros, além de uma preocupação do povo entrevistado em preservar a floresta como segurança alimentar. O segundo vídeo do grupo também já havia sido utilizado por outro grupo, que é *Índios do Brasil quem são eles?*. Este grupo destacou novamente a questão da preservação ambiental ligada aos povos indígenas, contudo, sem fazer qualquer outro comentário durante a apresentação do vídeo.

⁵⁷ UMA GOTA NO OCEANO. Unidade na diversidade indígena. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AZ44ryYwBUY>

⁵⁸ TERRITÓRIO DO BRINCAR. *Projeto Território do Brincar - 3º Região - Território Indígena Panará, Pará* Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jt8-X5TGXo0>

⁵⁹ VIDEO NAS ALDEIAS. A gente luta - Trailer / We struggle (Ashaninka). Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HYkMExeSMdU>

Muitos dos traços percebidos pelos estudantes são, fruto de uma população que passou por um processo de classificação social, mas que tem os traços de um grupo real e são sujeitos sociais. Mas, parte desses traços também se constituem, a partir de uma história de conflitos (QUIJANO):

Mas tais traços só se constituem como parte e resultado de uma história de conflitos, de um padrão de memória associado a essa história e que é entendido como uma identidade e que produz uma vontade e uma decisão de entrançar as heterogêneas e descontínuas experiências particulares numa articulação subjectiva colectiva, que se constitui num elemento das relações reais materiais. (QUIJANO, 2009,p.103)

A compreensão da existência dessa classificação social criada pela colonialidade é importante, contudo, é necessário mostrar que existe a possibilidade de compreender e pensar outras formas de conhecimento como válidas. Assim como ocorreu com o caso do vídeo das formas de construção, e com as questões referentes a oralidade percebidas pelos estudantes, mostra, uma parte que pode ser considerada como bem sucedida nesse trabalho. Não houve comentários hierarquizando o conhecimento, mas apenas tentando entender como a outra visão de mundo funcionava. Isso mostra que pode se apresentar uma outra forma de refletir a colonialidade do saber dentro da sala de aula, utilizando meios com os quais os alunos já estão familiarizados, neste caso como são os vídeos do Youtube.

Enfim, assim como qualquer atividade proposta com intuito de refletir, durante minha carreira como professor, essa representou um momento importante, visto que surgiu a partir daquilo que classifiquei como falha ao ensinar um conteúdo importantíssimo para a sociedade brasileira contemporânea. Pois, a cada vez que foi aplicada, sofreu alterações e nunca chegará em um momento que possa se dizer que está pronta para ser utilizada de forma estática, correta e pronta.

As dificuldades encontradas, ao fim do trabalho, foram ligadas, principalmente, a tentativa de dar sentido e ter cautela com uso dos materiais presentes no youtube. Visto que, são materiais extremamente diversos, desde produzidos e postados por representantes de povos indígenas, ou projetos ligados as causas, até produções de meios mais tradicionais que foram capturados e postados por canais aleatórios.

Outros fatos que se destacaram nas escolhas dos estudantes foi que, havia audiência nas aulas expositivas anteriores a proposta, visto que utilizaram muitos termos ditos em aula para realizar a pesquisa. E, evidenciaram problemas contemporâneos que podem ser perceptíveis apenas além do livro didático, como as questões relacionadas as demarcações de terras indígenas, o uso indevido de garimpos, e a importância das questões ambientais ligadas as terras dos povos indígenas do Brasil.

4.4.3 É possível uma nova proposta?

A experiência relatada anteriormente apresenta diversas falhas, já apontadas, assim como suas antecessoras. Contudo, ao pensar e executar foi possível, em partes, identificar com ajuda, as mudanças necessárias para que o trabalho alcance seus objetivos de forma mais clara possível, levando em conta que o público-alvo são alunos de ensino fundamental, de determinadas localidades.

Há a necessidade de sondar as particularidades de cada turma, os conhecimentos prévios e suas fontes sobre o tema. Visto que, além da diversidade de origens escolares dos alunos, as diferentes formas de trabalho dos professores anteriores, ou mesmo os ambientes familiares, os produtos midiáticos consumidos, entre outros fatores, têm papel importante sobre a compreensão ou total desconhecimento do tema.

Para um próximo trabalho posso apenas repensar, pois devido a questões práticas não foi possível realizar no primeiro semestre de 2018 a aplicação dessa atividade reestruturada. Visto que fui remanejado de escola no município de Gravataí, pois as turmas de séries finais da escola São Marcos foram fechadas, e na outra escola para cumprir a carga horária, foram me oferecidas aulas de geografia. Então fiquei sem dar aulas de história no sétimo ano na rede municipal.

Enfim, o primeiro passo seria alterar as questões iniciais, visto que muitas respostas foram fornecidas de forma mais burocrática e direta, sem reflexão. Em

partes, isso ocorreu, pois as perguntas foram formuladas de forma simples sem levar em conta outras possibilidades, como o uso de imagens.

Ao observar as duas coleções de livros didáticos que são utilizados nas duas escolas, numa delas o Projeto Araribá da editora Moderna, e na outra o História Sociedade e Cidadania do Alfredo Boulos Júnior da Editora FTD, percebe-se que ao entrar no tema, ambas as coleções priorizam as populações da América com os Incas, Maias e Astecas para estudar as populações antes da colonização europeia. Além disso, as imagens que são empregadas em atividades que remetem ao presente das populações indígenas apenas com imagens de pessoas em aldeias e reservas. Sem ter questões que responderiam as perguntas apresentadas pela minha aluna e utilizadas no início do presente trabalho.

Se faz necessário compreender as demandas no presente sobre as questões indígenas no Brasil, antes de começar a realizar trabalhos apenas com o conteúdo do sétimo ano em relação ao passado. É imperativo iniciar o trabalho a partir de questões do presente. Fora da sala de aula, os estudantes estão expostos a diversos comentários, notícias e fontes que podem prejudicar a formação de uma orientação tolerante e acessível em relação as questões do outro dentro da sociedade brasileira.

Embora existam diversas dificuldades ainda sobre a acessibilidade a determinados materiais, nesse ano deparei-me com questões de dificuldade com a acessibilidade ao mundo digital. O acesso da maioria dos meus alunos de sétimo ano neste momento (setembro de 2018), após uma pesquisa rápida nas três turmas da escola, percebi que é feita via celular e é considerada cara pelos estudantes.

As redes sociais estão no topo das prioridades, não só por questão de aproveitamento, mas porque planos de operadoras de celular já contemplam. Enquanto pesquisas e os próprios vídeos do youtube já não são tão populares quanto no ano anterior. Enfim, o que mostrou a necessidade de reinventar qualquer atividade com acesso a internet.

Então, a partir desses fatores precisei repensar a atividade, para evitar que algum aluno que já tenha estudado os povos indígenas na história, não consiga pensar sua presença na sociedade contemporânea. E, com isso, reproduza discursos essencialistas, ou do desaparecimento dos povos, que os cristaliza em um

passado remoto lhes negando presença nos tempos contemporâneos, Para Luisa Tombini Wittmann:

É chegada a hora de lidar com a herança que relega os indígenas a um passado distante, como seres praticamente sem história e sem futuro. Eles foram e são sujeitos da história do Brasil. Se, por um lado, não foram vítimas passivas, por outro, não permaneceram intactos no contato com o outro. Diante da nova realidade, alteraram sua cosmologia, transformaram a si mesmos. Por isso, é importante ir além da visão de um processo geral de dominação que afeta apenas negativamente as sociedades indígenas. Sob essa ótica, sua completa e definitiva destruição, iniciada a partir da chegada dos portugueses, seria apenas uma questão de tempo. A visão derrotista, que não reserva futuro algum aos indígenas, arrasta consigo sua agência na história. É importante lembrar, inclusive que as populações indígenas estão atualmente em crescimento no Brasil. (WITTMANN, 85, Kindle)

Uma das formas de mostrar aos estudantes as questões sobre a agência indígena na história, é o contato e conversa direta com pessoas engajadas, visitas a reservas, entre outros. Contudo, isso nem sempre é possível no cotidiano escolar. O trabalho anterior mostrou que uma pesquisa, realizada de forma, praticamente livre, em uma plataforma de materiais audiovisuais, levando em conta a busca por material produzido por povos indígenas foi importante na compreensão da diversidade étnica, contudo, questões importantes como a resistência, e as ações afirmativas pouco apareceram.

A próxima atividade a ser mostrada foi pensada a partir de dois materiais escolhidos pelos alunos, para ser aplicada de forma rápida, utilizando dois períodos, antes de começar a trabalhar com os povos da América Pré colombiana e do Brasil colonial no sétimo ano, mas que na atual situação também pudesse ser trabalhada durante o estudo da formação da população brasileira em geografia. Partindo da premissa que desde as séries iniciais há inserções no tema e que, a cada período, notícias sobre os povos indígenas no presente são veiculadas, vê-se necessário refletir sobre a presença, e os direitos, para que a história escolar não engesse esses povos no passado.

Dos vídeos utilizados, um é do canal do Daniel Munduruku, e traz falas do autor. O primeiro a ser utilizado é *"Índio é um apelido que nos impuseram e que*

*nos afastou da sociedade brasileira*⁶⁰. Escolhido pelo fato de o autor relatar/problematizar o termo índio nesse vídeo, entre os 3:16 até 6:30. Outro fator da escolha desses dois primeiros vídeos é porque como um dos objetivos é utilizar materiais produzidos para o youtube e por autores e interlocutores indígenas. Que, possam apresentar falas além das questões da diversidade étnica, e que mostrem as lutas e participações contemporâneas desses povos. Fiz esse recorte devido ao fato de crer que, por motivos de observação no trato com as diferenças nas turmas do corrente ano letivo, tenha prioridade, nesse momento, do que as questões ambientais que também apareceram nos vídeos.

O outro escolhido é um dos vídeos que foi utilizado pelos alunos no trabalho, com o título de *melhor resposta ao preconceito cultural contra os indígenas*⁶¹, postado pelo canal *Gerrilha vídeos*. Nesse vídeo há o relato da fala citada por Daniel Munduruku, da resposta a um entrevistador, que questionou o uso de celular pelo seu entrevistado indígena. E recebeu a resposta de que “*se você acha que eu não posso usar celular nós vamos ter que estabelecer um regimento e você não vai poder comer mamão, nem maracujá, nem farinha, nem açaí, nem peixe assado. Você não vai poder tomar banho todos os dias, e por favor não use a palavra Brasil, porque essa palavra é nossa(...)*”⁶².

Assistir os vídeos, comentá-los, e acalmar os ânimos, apesar de serem produções curtas, provavelmente deve levar um período todo. No segundo período há a aplicação da avaliação da atividade. em duas etapas. A primeira, pensando em características muito próprias das turmas que trabalho no corrente ano. Que é a liberdade de eles representarem e comentarem os vídeos, da forma que escolherem, sendo ela escrita ou desenhada. A segunda é, devido ao perfil da turma, que apresentou melhores resultados em explicações orais e por meio de desenhos do que por texto e questões, em atividades anteriores, é realizar um pequeno seminário sobre as etnias indígenas presentes na região sul do Brasil.

Para que isso ocorra será necessário dividir as turmas em apenas quatro grandes grupos, devido as questões de logística na pesquisa, pela falta de acesso à

⁶⁰ MUNDURUKU, Daniel: Índio é um apelido que nos impuseram e que nos afastou da sociedade brasileira. YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pzIq6xSFrQY>.

⁶¹ GUERRILHAVIDEOS. *melhor resposta ao preconceito cultural contra os indígenas*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jiRnINWvKgM>

⁶² GUERRILHAVIDEOS. *melhor resposta ao preconceito cultural contra os indígenas*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jiRnINWvKgM>, 0:45 – 1:00

internet e outros meios. Na escola municipal, seria mais fácil, contudo, a única disciplina que trabalho com o único sétimo ano é a geografia. Contudo, como já havia colocado na ementa da disciplina, e como não foge as questões sobre o Brasil contemporâneo, realizar essa atividade mostra-se viável nessa turma. Pois há biblioteca na escola com pessoa responsável pelo material e será possível o uso de um computador juntamente com o professor, o que no entanto exige minha presença no turno inverso, quando estou na outra escola ou o auxílio da coordenação da escola.

No caso da escola Estadual, que continua a mesma do ano anterior, o que dificulta é o acesso e a disponibilidade de materiais para impressão, e o tempo nas turmas, visto que não há a possibilidade de cobrar que os grupos façam os trabalhos em casa. Contudo, é possível utilizar por dois períodos os computadores do laboratório de informática, embora não tenha pessoal técnico responsável pelo espaço.

Enfim, depois de assistir os vídeos, comentar e escutar comentários e apresentar o trabalho, os alunos responderão a um questionário composto por perguntas e imagens.

A primeira questão: *Por que Daniel Munduruku afirma que índio é um apelido que afasta os povos indígenas da cidadania Brasileira?* É uma questão simples, contudo necessária, visto que pede atenção a fala do vídeo, além de ser um exercício de interpretação simples, que se faz necessário para as turmas que eu conheço.

A segunda questão: *Existiu preconceito na fala do entrevistador que foi relatada no vídeo: “melhor resposta ao preconceito cultural contra os indígenas”?* *Justifique sua resposta.* Pergunta que embora exija um pouco mais de atenção e reflexão, também é simples.

A terceira questão: *Qual é a relação entre a escolha da etnia para o seminário e as falas dos vídeos?* Essa é uma questão para ligar as duas falas com os demais materiais encontrados na pesquisa e apresentados no seminário, ue é para estabelecer relações com as populações que estão fisicamente, relativamente, próximas as escolas e são desconhecidas dos alunos, com os temas das falas presentes nos vídeos.

A quarta e última atividade, apresenta três imagens, a primeira, uma criança indígena brincando. Essa imagem encontra-se em um dos livros didáticos utilizados⁶³ em sala de aula do período do PNLD de 2017 a 2019. A segunda imagem encontra-se em outro livro didático, e mostra indígenas participando da XII edição dos Povos indígenas em 2013⁶⁴. A terceira e última retirada do site de notícias da UEM⁶⁵ (Universidade Estadual de Maringá) mostra o primeiro aluno indígena formado em medicina pela instituição. O objetivo das imagens é a percepção, não só de atividades culturais, mas também da diversão no cotidiano além de demonstrar a questão da possibilidade de, o fato de exercer ou conhecer profissões da sociedade em geral não impedem as pessoas de se identificarem como pertencentes a povos indígenas. Sem essas informações, os alunos deverão observar as imagens e responder a seguinte questão: *Quais dessas pessoas representadas nas imagens são pertencentes a povos indígenas brasileiros? O que te levou a conclusão? Após o término do período há leituras coletivas das respostas e discussões sobre as conclusões obtidas com a atividade.*

Resumos dos vídeos da temática encontrados pelos alunos

LABCULTURAVIVA. *Lenda Kaingang*. Youtube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Kcnmxw1S2vQ>

Duração: 6:26m

O vídeo foi produzido pelo laboratório cultura viva, pelo edital de projetos de documentários sobre pontos de cultura, e mostra uma contação de histórias realizada por indígenas Kaingang, no qual a história contada remete a questões ligadas a produção de alimentos. Além de exemplificar e demonstrar atos da tradição oral na educação das crianças dentro da cultura e tradições.

BISMUTO. Os últimos Charruas - Histórias extraordinárias- RBS TV. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Z0bonoBzask>

Duração: 14:25

Postado no youtube pelo canal Bismuto, o vídeo é uma reportagem da série “Histórias extraordinárias” da RBS TV. No qual existem entrevistas sobre a

⁶³ BOULOS, Júnior Alfredo. História Sociedade e Cidadania, 2015. SP, FTD (7ºano do ensino fundamental) 3ed. P. 238

⁶⁴ PROJETO ARARIBÁ. História, Editora Moderna, (7ºano do ensino fundamental), 2014. P. 178

⁶⁵ Disponível em: http://www.noticias.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10426:uem-forma-primeiro-medico-indigena&catid=426:informativo-1147&Itemid=101 acesso em: 21/06/2018

tradição Charrua e seu desaparecimento juntamente aos últimos integrantes do povo, que foram levados à Paris para serem expostos a visitação em feiras. No vídeo, além de pesquisadores também são entrevistados descendentes do povo charrua.

ROCHA, Márcio Monteiro: Enawenê Nawê (Vídeo 3/7): Entenda o Futebol dos Índios da Tribo Enawenê Nawê. Youtube. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=eOioBwq0QCQ>

Duração: 3:20

O vídeo é um trecho de uma reportagem sobre um jogo praticado na Tribo Enawenê, utilizando uma bola de látex extraído da floresta, no jogo apenas pode se usar a cabeça para tocar a bola. Na reportagem, o jornalista faz alusão ao futebol quando explica o jogo. Editado de uma obra maior mostra a importância do jogo na tradição desse povo.

GUERRILHAVIDEOS. *Melhor resposta ao preconceito cultural contra os indígenas*. Youtube. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=jiRnlNWvKgM>

Duração: 2:15

Este vídeo traz o relato de um acontecimento que ocorreu durante uma entrevista. Na qual o entrevistador, não indígena, após perceber que o entrevistado, indígena, atendeu o celular indagou sobre a posse do aparelho. O entrevistado respondeu que se ele não podia usar celular, os não indígenas também não poderiam utilizar uma série de palavras, costumes, e alimentos que originalmente são indígenas.

MACHADO, Altino. Índios isolados - 1º contato no Acre. Youtube. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Sb7alahD-BE>

Duração: 6:16

O vídeo é uma filmagem de contato com indígenas isolados no estado do Acre. Não há informações sobre a produção do vídeo, que aparentemente foi de forma amadora, no momento do contato. Havia links de reportagens do portal Terra sobre a situação. Contudo, eles não estão mais acessíveis.

VÍDEO NAS ALDEIAS. Eu já virei espírito. Youtube. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=g9edmXF6qTE>

Duração: 2:01

O vídeo é o trailer do filme: Eu já virei espírito de 2013, dirigido por Tacumã Kuikuro, do projeto Vídeo nas Aldeias. O qual trabalha com a formação de

cineastas indígenas, mostrando por meio de imagens diversas questões sobre a população e culturas indígenas no presente.

ENRAIZANDO. Os indígenas – Raízes do Brasil. Youtube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=cQkA5PDow2s>

Duração: 8:41

O vídeo é uma animação patrocinada pela Fundação de Cultura do município de Joinville -SC. No qual há uma descrição em forma de documentário que começa com a ocupação da América e concentra-se nos povos que se instalaram onde hoje é o território brasileiro, trabalha de forma generalizada com o tema.

ÍNDIOS NO BRASIL parte 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ScaUURAJkC0>

Duração : 32:02

Este vídeo é uma parte de um documentário que trata sobre as etnias indígenas existentes no Brasil contemporâneo, mostrando desafios, dificuldades e questões culturais. Por meio de entrevistas que foram realizadas com indígenas e não indígenas e com imagens de diversas localidades, tanto no meio urbano quanto rural.

AGÊNCIA PÚBLICA. *A questão indígena em 4 minutos*. Youtube. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=y_tKDCBimTQ

Duração: 4:17

Neste vídeo produzido pelo canal Agência pública, são explanadas questões sobre os conflitos gerados pelas disputas de terra devido aos recursos naturais presentes em territórios indígenas, além da construção de obras como hidrelétricas. Além disso, explica a função da FUNAI, em relação a demarcação e manutenção dos direitos dos povos indígenas no Brasil.

SE LIGA NESSA HISTÓRIA, Indígenas no Brasil #1 | Identidade Indígena. Youtube.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zV6aQ7QLQNU>

Duração : 6:19

O vídeo tem um formato de aula expositiva e foi produzido pelo canal Se liga nessa história, com fins educativos. E traz um resumo de questões históricas gerais ligadas aos povos indígenas do Brasil e a identidade indígena contemporânea. E é o primeiro vídeo de uma série sobre indígenas produzida pelo canal.

SE LIGA NESSA HISTORIA. Indígenas no Brasil #2 | Genocídio Indígena. Youtube.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-HwQBmml4c>

Duração: 6:13

Neste vídeo que possui formato de aula expositiva os autores discutem as questões do genocídio provocado pela colonização contra os povos indígenas,

além de discutir a existência contemporânea da continuidade do etnocídio e até mesmo perseguição física.

LEITÃO, Rodrigo. Índios do XINGU, tradição e cultura. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YS2bqnM-4UE>
Duração: 13:38

O vídeo consiste em um trecho de uma reportagem sobre índios do Xingu, da etnia Kuikuru que deslocam-se ao interior do estado de São Paulo, e ali fazem demonstrações sobre seus costumes e sua cultura. Também são apresentadas entrevistas com representantes da etnia, que destacam a importância desse ato para a manutenção de suas tradições, além de explicar diferenças entre os povos indígenas do Brasil.

ESPORTE FANTÁSTICO. *Três irmãos indígenas são as novas promessas da natação no Amazonas*. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QiE7IAepTgA>

Duração: 6:27

Neste vídeo é apresentada uma reportagem da Rede Record sobre três crianças indígenas que foram destaque na natação no estado do Amazonas. O material apresenta entrevistas com as crianças e com os pais, além de apresentar as localidades e competições das quais participaram.

UNIVESP. *D-21 - Povos indígenas e práticas de ensino no Brasil*. Youtube.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNanwYCDEsY>

Duração: 15:21

Este vídeo, que traz questões sobre a educação indígena, começa com o exemplo de uma escola indígena no estado de São Paulo, na qual as aulas são ministradas em três línguas e os professores são integrantes do povo. Além de apresentar entrevistas com professores e estudiosos do tema.

UMA GOTA NO OCEANO. Unidade na diversidade indígena. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AZ44ryYwBUY>

Duração: 1:14

Este curto vídeo produzido pelo canal Uma gota no oceano apresenta uma explanação de Sônia Guajajara sobre a existência de diversidades nos povos indígenas brasileiros, no entanto, busca-se um bem comum.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. *Projeto Território do Brincar - 3ª Região - Território Indígena Panará, Pará* Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jt8-X5TGXo0>

Duração: 2:50

Neste vídeo, do canal Território do Brincar não há entrevistas nem falas, apenas sequências de trechos que mostram crianças indígenas em suas atividades e brincadeiras cotidianas.

VIDEO NAS ALDEIAS. A gente luta - Trailer / We struggle (Ashaninka). Youtube.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=HYkMExeSMdU>

Duração: 4:39

O vídeo do projeto Video nas Aldeias é o trailer do filme "A gente luta mas come fruta" dirigido por Isaac e Bebito Pianko, mostra a luta do povo Ashaninka para preservar a floresta, com cenas de crianças comendo frutos, pessoas falando da importância do conhecimento ancestral, e da relação com a floresta para existir, o vídeo foi realizado em língua nativa, mas possui legenda em português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em toda a minha trilha metodológica, sempre busquei a luz da teoria e procurei seguir obstinadamente as ideias iniciais elencadas no projeto de dissertação. Não preciso repetir que o tema brotou de uma aula e ganhou corpo no processo reflexivo que provocou em mim e também sobre as minhas práticas em sala de aula. Pensar a prática e produzir os próprios materiais foram os desafios maiores. Minha preocupação, além da busca de dados para responder meu problema de pesquisa, também foi produzir material de boa qualidade para o meu cotidiano de professor de história.

A edição e produção de novos materiais teve como objetivo a construção de um caminho planejado e metódico, analisando materiais fartamente encontrados e disponíveis na internet (vídeos do youtube), mas sempre refletindo sobre os processos de produção e divulgação dos conhecimentos sobre quaisquer temas, mas que sempre careciam de um olhar atento, crítico e reflexivo.

Pessoalmente entendo que a maior contribuição deste trabalho adveio do processo de participação dos discentes nas decisões sobre o que buscar sobre temas de interesse suscitados no âmbito da sala de aula ou mesmo em outros espaços. É possível concluir que a criação de possibilidades de escolhas, de edição do próprio material dentro de um processo de amadurecimento de ideias, ajuda a tornar os estudantes críticos e autônomos diante de uma avalanche de informações e conteúdos que nem sempre terão caráter formativo e enriquecedor na formação para a cidadania. Por exemplo, podem perceber onde existem preconceitos, ideias absolutas e simplesmente rechaçar o que não os torna sujeitos pensantes e críticos, tão evidenciados na legislação educacional.

Por questões óbvias, o nosso material produzido coletivamente neste longo processo construtivo de pesquisa realizada a partir da minha prática docente, não foi postado no site, apenas apresentado em sala de aula e também em banca de defesa de dissertação. Além dos resultados alcançados com a participação coletiva discente, envolvimento e possíveis contribuições formativas para um aluno pensante e crítico, reforço a minha satisfação no amadurecimento profissional e uma clara

conclusão: precisamos constantemente preparar nosso próprio material adentrando no mundo discente e caminhando juntos. Nossas aulas terão mais atenção e parceria dos discentes com projetos integradores que partem das próprias dúvidas e angústias advindas, não necessariamente das nossas aulas, mas de qualquer outro espaço formativo, trazidas pelos alunos. Os próximos passos, no sentido de caminhar juntos, num mesmo turbilhão de possibilidades, mas que só a escola com docentes engajados em pesquisas, com projetos metódicos, comprometidos e com formação suficiente para produção do seu próprio material e também de conhecimentos novos.

Aqui também poderia elencar um conjunto de dificuldades na realização desta pesquisa, embora preferi insistentemente (obstinadamente), apenas mostrar os resultados bons, seria desanimador relatar sobre a carga horária que exerci durante a realização deste estudo. Seria redundante falar sobre a falta de laboratórios, materiais e condições nas escolas de exercício do meu magistério. Por último e não menos importante, o descaso com as licenciaturas, claramente expressado na atual situação em que se encontra o magistério no Rio Grande do Sul. O pagamento que recebemos, sucateado e parcelado, nos desarma de qualquer luta contra a ignorância e os preconceitos.

Concluo com algumas indagações sobre o tempo: que presente é este que nos tira a dignidade profissional? Que passado foi este que nos legou desastrados governantes para a educação? Que futuro terá esta sociedade sem as crianças vivenciando cidadania, principalmente nas escolas?. Não encontrei nenhum vídeo no *youtube* que contemplasse, nem em partes, estas e outras tantas indagações, angústias e inquietações. Pior que isso, não me sinto desafiado para convocar meus queridos e estimados alunos para editar novamente, trabalhar e elaborar um vídeo que respondesse essas e outras tantas dúvidas que agoniam, neste nosso tempo.

Porto Alegre, setembro de 2018

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria R. C. **“Os índios na história do Brasil”**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ANHORN, Carmen Teresa G. **Teoria da História, Didática da História e narrativa: diálogos com Paul Ricoeur**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 32, nº 64, p187-210, 2012.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **“O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje”**. Brasília: MEC/Secad/Museu Nacional/UFRJ, 2006.

BERGAMASCHI, M.A.(org) **“Povos indígenas e educação”**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Nhembo'e. **Enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em Educação) – PPG Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

BITTENCOURT, C.M.F **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004

BONIN, Iara Tatiana. **E por falar em povos indígenas – narrativas que contam em práticas pedagógicas**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Tese (Doutorado em Educação) – PPG Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BONIN, Iara Tatiana; GOMES, João Carlos A. **Representações eurocêntricas ensinando sobre gênero e etnia em livros didáticos de história – Ensino Médio**. In: VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Itajaí: Univali, 2008. p. 1-13.

BRODEBCK, Marta de Souza Lima. **Vivenciando a história: metodologia de ensino da história - ensino fundamental do 6º ao 9º ano**. Curitiba : Base Editorial, 2012

CAMPOS, Helena Guimarães. **A história e a formação para a cidadania: nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo : Saraiva, 2012.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

GONTIJO, Rebeca. Identidade nacional e ensino de história: a diversidade como “patrimônio sociocultural”. ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (orgs.) **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/FAPERJ, 2003.

JECUPÉ, k. **A Terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. São Paulo: Peirópolis, 1998.

LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. 221 2015 Colonialidade do poder como meio de conhecimento: em torno de seus limites e potencialidades explicativas Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130. Disponível em: . http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf
Acesso em 20/11/2017.

MACHADO, Cláudio de Sá Júnior. “**Povos indígenas e educação audiovisual**”. In **Curso de Aperfeiçoamento Produção de Material Didático Para Diversidade/** Nestor André Kaercher, Ivaine Maria Tonini, org; elaboração de conteúdo: Carla Beatriz Meinerz...[et al] – Porto Alegre, 2011: EVANGRAF; UFRGS, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/tri/sead/publicacoes/documentos/livro-producao-material-didatico> acesso em – 20/03/2017

MUNDURUKU, Daniel. “**O Caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**”. São Paulo, Paulinas, 2012.

PIMENTEL, Spensy: **O Índio que mora na nossa cabeça: sobre as dificuldades para entender os povos indígenas**. São Paulo: Prumo, 2012.

PREZIA, Bendito; HOORNAERT, Eduardo. **Brasil indígena: 500 anos de resistência**. São Paulo: FTD, 2000.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade, poder, globalização e democracia**. Novos rumos, n. 37, p. 4-28, 2002.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina". In:

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs). Epistemologias do Sul. 2009

ROCHA, Helenice: A presença do passado na aula de história. In: MAGALHÃES, M (et all). **Ensino de História: usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **HISTÓRIA PÚBLICA: a comunicação e a educação histórica**. Revista Observatório, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 41-65, abr. 2017. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3465>>. Acesso em: 8 de ago. 2017. doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p41>.

RICARDO, Carlos Alberto. (Ed.). **Povos indígenas no Brasil 1996-2000**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2001.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (Orgs.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1 e 2 graus**. Brasília: Mari/Unicef/Unesco, 1995.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Maria Kawall Leal. (Orgs.). **Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Global Editora/Fapesp/Mari-USP, 2001.

SILVA, Beatriz Carreta Correa, **Levantamento e análise de informações sobre o desenvolvimento da temática "História e cultura indígena" nos cursos de licenciatura de instituições públicas e privadas**.2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13940-produto-1-historia-cultura-povos-indigenas-pdf&Itemid=30192 acesso em 22/03/2017.

TURIN, Rodrigo. **Tessituras do tempo: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2013. 270p.

WITTMANN, Luisa T. . **Ensino (d)e História Indígena**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015. v. 1. 208p .

ANEXO 01 Questionário de sondagem

Escola:

Turma:

1. Quais são os povos nativos do Brasil?
2. Quando foi a última vez que estudou os povos indígenas do Brasil?
3. Você conhece pessoas que se identificam como indígenas?
4. Quando foi a última vez que viu/assistiu algum programa de televisão que mostrasse questões relacionadas aos povos indígenas?
5. Você assistiu alguma notícia em telejornais que envolvesse povos indígenas?
6. Você sabe quantas culturas indígenas existiram no Brasil e quantos existem hoje?
7. Você já fez algum trabalho escolar sobre os povos indígenas? O que você realizou? Qual era a proposta?
8. Você já realizou alguma pesquisa (sem ser na escola) sobre os povos indígenas? O que te levou a pesquisar? Quais meios e termos utilizou para fazer a pesquisa?

ANEXO 02
Ficha de escolha dos vídeos

Questionário de Seleção dos Vídeos

Escola:

Turma:

Grupo:

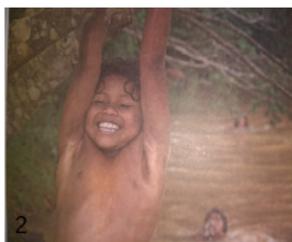
1. Qual termo foi utilizado na busca?
2. Qual é o título do vídeo?
3. Qual é o nome do canal que postou? Quem produziu?
4. Resumo em 5 linhas.
5. Por que esse vídeo foi, ou não, escolhido?
6. O material foi produzido pelo próprio canal? Ou é um trecho de outras obras?
7. Quanto tempo tem o vídeo? Qual é o trecho a ser utilizado?
8. Como o trecho escolhido pode nos fazer pensar a diversidade?

ANEXO 03 Nova proposta

ESCOLA:
NOME:

TURMA:
N:

ATIVIDADE: POVOS INDÍGENAS DO BRASIL NO PRESENTE



Observando as três imagens:

- 1 – Jogos;
- 2 – Criança brincando;
- 3 – Médico.

Das pessoas representadas nas imagens, quais delas são pertencentes aos povos indígenas brasileiros? O que te levou a esta conclusão?

- 1 - PROJETO ARARIBÁ. História, Editora Moderna, (7º ano do ensino fundamental), 2014. P. 178
- 2- BOULOS, Júnior Alfredo. História Sociedade e Cidadania, 2015. SP, FTD (7º ano do ensino fundamental) 3ed. P. 238
- 3- Disponível em: http://www.noticias.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10428:uem-forma-primeiro-medico-indigena&catid=426:informativo-1147&Itemid=101 acesso em: 21/06/2018

ESCOLA:
NOME:

TURMA:
N:

ATIVIDADE: POVOS INDÍGENAS DO BRASIL NO PRESENTE

Questões sobre os vídeos:

- 1 - Por que Daniel Munduruku afirmou que índio é um apelido que afasta os povos indígenas da cidadania brasileira?
- 2- Existiu preconceito na fala do entrevistador que foi relatada no vídeo: "melhor resposta ao preconceito cultural contra os indígenas"? Justificar sua resposta.
- 3- Qual é a relação entre a escolha da etnia para o seminário e as falas dos vídeos?

Vídeo 01 – **Índio é um apelido que nos impuseram e nos afastou da sociedade brasileira;**

Vídeo 02 – **Melhor resposta ao preconceito cultural contra os indígenas.**